

20951

Boletim da
Comissão
Catarinense
de



f
olclore

- 07 -

Unitermo

ANO: 1980 - nº 33

Pede-se permuta
pidesse canje
We ask exchange
Si richiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austausch
Oni petas intersangon

Comissão Catarinense de Folclore
Presidente: Doralécio Soares
Comissão de Revista: Diretor Doralécio Soares
A. Seixas Netto, Vitor A. Peluso Jr.,
Nereu do Vale Pereira, Roberto Kel,
e Theobaldo Costa Jamundá.

Endereço para correspondência: Rua Julio Moura, 28, 1o. andar
88.000 – Florianópolis – Santa Catarina – Brasil

Edição patrocinada pela Fundação Catarinense de Cultura.

SUMÁRIO DESTA EDIÇÃO

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC	
SETO - SANT CATARINA	
Clas.:	—
Reg.:	073
Data:	11.06.96

Na presente edição, apresentamos importantes estudos, como:

- O SENTIMENTAL E O FOLCLÓRICO, por Nereu do Vale Pereira .
- O ARTESANATO DA RENDA NO BRASIL, por Doralécio Soares .
- METEOROLOGIA MATUTA DA ILHA DE SANTA CATARINA,
por A. Seixas Netto
- PANDORGAS EM FESTIVAL, por A. Seixas Netto
- O CATARINENSE DE TAUBATÉ, por Abelardo Souza
- UM POUCO DA TRADIÇÃO CARIOCA, por Dulce Martins Lamas .
- PASQUINS (trechos recolhidos na ilha pelo Grupo de Pesquisa da
Comissão Catarinense de Folclore)

E, também, trabalhos de colaboradores de fora de Santa Catarina, como:

José Sant'Ana, Roselys Veloso Roderjan, Maria Brígido, e Vicente Salles.

Na seção DOCUMENTÁRIO, uma importante e sensível carta da Professora Sônia Maria.

E como sempre, farto Noticiário, relativo às atividades da Comissão Catarinense de Folclore, e outras relativas ao Folclore de outras partes do Brasil.

O Secretário

ANO XVIII
Dezembro de 1980

Número 33

ÍNDICE

Sumário	1	
Índice	3	
Editorial	Doralécio Soares	4
GENTE DE CASA		
O Sentimental e o Folclórico	Nereu do Vale Pereira	9
O Artesanato da Renda no Brasil	Doralécio Soares	15
Meteorologia Matuta da Ilha de Santa		
Catarina	A. Seixas Netto	19
Pandorgas em Festival	A. Seixas Netto	22
O Catarinense de Taubaté	Abelardo Souza	25
Pasquins	Pesquisa	28
GENTE DE FORA		
Congada da Lapa	Roselys Veloso Roderjan	31
Um pouco da Tradição Carioca	Dulce Martins Lamas	34
Artesanato em Madeira	Vicente Sales	37
Olimpia em Tempo de Festival	José Sant'Ana	39
Presépio	Maria Brígido	40
DOCUMENTÁRIO		
O Ideal de Uma Mestra	Carta	42
NOTICIÁRIO		
Câmara Municipal de Olímpia		46
É Inaugurado o Museu de Orleans	Transcrição "O Estado"	47
Grupo Folclórico Böhnerwald e Banda		
Trem de São Bento do Sul	Redação	30
Sistema de Bibliotecas Públicas de		
Santa Catarina	Mitsi Westphal Taylor	55
Deputado Federal Fala Sobre Folclore ...	Pedro Ivo Campos	57
Rendeira da Ilha no Evento da Feira de		
Hannover em Düsseldorf-Alemanha	Redação	59
Registros diversos		
Festas e Promoções Folclóricas	Redação	61
A TELESC oferece Brindes	Redação	64
Vitória de Santo Antão	Doralécio Soares	65
Dicionário Folclórico da Cachaaça	Redação	66
Livros e Periódicos recebidos		68
O Poder das Mãos		70
Grupo Folclórico "Estampa Gaúcha"		71

EDITORIAL

Observa-se que está havendo um despertar por parte de estabelecimentos educacionais do Estado, com referência ao Folclore.

Algumas UCRES têm programado festas culturais de natureza folclórica, com a participação de escolas de suas unidades, no decorrer da semana de 22 de agosto. Entretanto a meu ver, não deve ser o caso apenas de simples programações. Deve sim, ser dado cumprimento à Lei 4.287, de 7 de abril de 1969 que – “Instituiu o DIA DO FOLCLORE no Estado de Santa Catarina e dá outras providências.”

A LEI, no seu Art. 1o., Instituiu o “Dia do Folclore” em todo o Estado. No seu Art. 2o., estabelece: “O Chefe do Poder Executivo, ou por sua delegação, o Secretário de Educação e Cultura, nas vésperas da efeméride, determinará a todos os estabelecimentos de ensino nos graus primários e secundários, que promovam palestras, exposições e atos elucidativos sobre o folclore, principalmente o catarinense.

O seu artigo 3o. determina que através do seu Departamento especializado e sob orientação da Comissão Catarinense de Folclore, promovam concursos, etc.”.

Já decorreram 11 anos, e esta LEI tem sido completamente ignorada. Deduz-se que as UCRES, que realizam promoções folclóricas, sejam naturalmente motivadas pelo trabalho desenvolvido pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro que, anualmente, institui o Concurso Nacional Marechal Rondon, do “Índio” e o Concurso “Nina Rodrigues”, entre os escolares do ensino do 1o. grau em todo o Brasil, tendo os escolares catarinenses já obtido nacionalmente uma “menção honrosa”.

Desde que a Secretaria de Educação dê cumprimento à Lei 4.287, a abrangência promocional se estenderá a todas as Unidades de Coordenação Regionais de Educação, destacando-se Santa Catarina entre os demais Estados da Federação Brasileira.

Uma carta que dignifica O IDEAL DE UMA MESTRA

Este Boletim no seu No. 33, presta uma homenagem às professoras catarinenses, publicando à pág. No. , uma carta simples, mas que pela grandeza do seu conteúdo, mereceu a distinção de ser publicada.

Reunião da Diretoria

Em reunião extraordinária, a Diretoria da Comissão apreciou o Convênio acertado entre a Fundação Catarinense de Cultura e a Comissão Catarinense de Folclore. O mesmo destina-se a custear despesas da Comissão, destacando-se parte para a impressão do seu Boletim.

Na mesma reunião, o Presidente comunicou o pedido de dispensa do Secretário Iapanan Soares Araújo, designando o prof. Amaro de Seixas Ribeiro Netto, que acumulará como membro do Conselho Consultivo.

Presente a professora Myriam Conceição Dias Beltrão, da UDESC. Foi apresentada pelo presidente como a nova integrante da Comissão. Saudada pelo prof. Walter Fernando Piazza, este propôs seu ingresso no Conselho Consultivo, na vaga constante do falecimento do prof. João dos Santos Areão, aceita por unanimidade.

É auspicioso registrar as recomendações expedidas pelo "Sistema de Bibliotecas Públicas de Santa Catarina", concernente a data 22 de agosto "Dia do Folclore", de iniciativa de Mitsi Westphal Taylor, coordenadora de SBPSC, e Maria Helena B. Maia, do Serviço de Assistência para Divulgação das Bibliotecas, a pág.

Doralécio Soares

NOSSA CAPA: Anualmente a Prefeitura Municipal de Canelinha vem promovendo o Festival de Folclore do Vale do Rio Tijucas. É uma iniciativa do Vice-Prefeito, Sr. Enio Laus, que tem merecido apoio de toda a comunidade, pelo grande acontecimento. Têm participado grupos folclóricos de várias procedências do Estado, levando ao Vale do Tijucas, a grandeza das manifestações da nossa Cultura Popular.

O SENTIMENTAL E O FOLCLÓRICO

Professor Nereu do Vale Pereira

Muito tem-se comentado entre os folcloristas os efeitos da urbanização e do desenvolvimento tecnológico sobre as manifestações folclóricas das sociedades presentes.

Com efeito, e por definição, o fato folclórico brota da criatividade popular, porém, sempre ligada à tradição e à espontaneidade. Tudo o que é criado pelo povo é resultado, na maioria das vezes, do “efeito-demonstração”. Trata-se muitas vezes de uma reprodução e não propriamente de criatividade das “gentes”.

Tenho por concepção que “Folclore é o conjunto de fatos culturais gerados pela criatividade popular. Como fruto da cultura espontânea, o folclore é de natureza dinâmica, e, paradoxalmente, tradicional e de aceitação coletiva”. Entendo assim que a dinâmica é uma característica que determina a adaptabilidade constante do fato folclórico ao momento de sua manifestação e as condições de pensar, agir e simbolizar da sociedade onde emerge. Daí porque o fato folclórico sempre se revestir de novos aspectos. Se hoje a adaptabilidade é mais rápida é porque a mudança cultural se institucionalizou.

Numa forma mais elaborada, podemos afirmar que a Ciência do folclore (1) segundo Rossini Tavares de Lima, “é aquela que estuda os fatos de cultura material e espiritual criados ou adaptados pelos meios populares dos países civilizados, que podendo ou não apresentar as características de anônimo e tradicional, são essencialmente de aceitação coletiva”.

Vê-se na definição de Rossini Tavares de Lima a aceitação coletiva como característica essencial e acessória, as do anonimato e da tradição, quando a inversa seria a verdadeira, pelo menos hoje em dia. A aceitação coletiva adquire, nas sociedades modernas conotações tão amplas que tornariam nulos os esforços para encontrar nelas fatos folclóricos.

Parece-me que reside neste posicionamento a aceitação coletiva como característica básica, a base para se crer de que hoje não mais existe folclore “o que, aliás, seria absurdo”. O importante tanto na sociedade de hoje, como de ontem, é saber-se que a criatividade sempre existiu e que resulta do espírito prático de viver. O fato folclórico é funcional. Tem funções bem claras e

(1) Evidente que aceitar-se o Folclore como ciência é muito discutível.

definíveis pela sua própria aceitação nos pequenos grupos e não nas massas urbanas modernas (embora isto também possa ocorrer).

Todo fato folclórico responde a uma necessidade.

No campo sentimental vamos encontrar em todos os tempos e em todos os lugares, o popular buscando formas de expressar seu sentir, fazer e simbolizar. Tudo fica até poético, porém, necessário.

Como é poético, sentimental e por ser sentimental muito humano e por ser humano folclórico e por ser folclórico funcional e por ser funcional objetivo, ir às necessidades do relacionamento humano em alvo certo. Como demonstração dessa evidência, recorro ao PÃO-POR-DEUS ou "Coração", fato folclórico existente na Ilha de Santa Catarina e atribuído à herança cultural açoriana.

Segundo a tradição, expressa por Doralécio Soares em Folclore Brasileiro – Santa Catarina (2) – "Receberam o PÃO-POR-DEUS do açoriano como expressão correspondente a um pedido, dádiva, mas com forma e objetivos diferentes".

Exemplificando nossa argumentação, registramos três exemplos colhidos no Ribeirão da Ilha, Distrito de Florianópolis. O poético, o belo, o sentimental reafirmam a objetividade de função peditória, declaratória, enfim o sentimento se expressa.

São três exemplares de CORAÇÕES distribuídos com efeitos diferentes e registrados em datas muito recentes.

As cartas mais sentimentais sempre são ornadas com versos escritos em papel cromado, colorido e com recortes artísticos. Assim são montados os CORAÇÕES ou PÃO-POR-DEUS (3).

Vejamos o primeiro exemplo. Foi redigido por uma senhora de 97 anos, a pedido do pesquisador, em 1970. Solicitei que retratasse (folclore representativo) o passado com suas formas de simbolizar. Eis o que escreveu a nossa entrevistada:

*"O meu nome é Caetana
Que na pia foi botado
Por sobrenome Dias
Que de meu Pai foi herdado"*

E logo depressa foi se desculpando. Estava com um "doutor" na frente,

(2) SOARES, Doralécio – Folclore Brasileiro – Santa Catarina – Edição FUNARTE/MEC, Rio de Janeiro, 1979, p. 22

(3) Os exemplos publicados são coloridos com lápis de cor, aquarela e tinta de escrever; suas cores básicas são o rosa, azul e vermelho chamadas cores imperiais do divino. Um deles de No. 3 foi colorido com caneta esferográfica caracterizando a adaptabilidade à época "moderna".

ela que foi autodidata:

*“Acabando de ler os verços
Peço pra desculpar
A pécima caligrafia
E os erros que encontrar”.*

*“Com 97 anos de idade
Pouco posso enxergar
Com a mão direita alejada
Custa a caneta pegar”.*

Em outras coisas, nessa rica página de literatura, de prosa, de poético e de prático, ela ainda anota outras comunicações importantes como por exemplo: que o mês de outubro (geralmente o mês de outubro é o mês de dias mais belos da Ilha de Santa Catarina, particularmente as duas últimas semanas) é a época “que se dá “coração”. Ela não diz que se pede alguma coisa, mas sim, que se dá amor, carinho, atenção e afeto, e mais, “Os velhos devem ser perdoados”.

No outro lado do coração recortado e artisticamente colorido, ela expressa a finalidade, a funcionalidade da missiva:

*“La vai meu coração
Visitar o meu compadre
Vai pedir um pão por deus
Com licença da Comadre”.*

*“Comadre não se aborreça
Quando o Coração chegar
Se acha que lhe ofendo
Peço para desculpar”.*

Também apresenta exemplos que em sua juventude eram utilizados por namorados:

*“Lá vai meu coração
Pelos ares avoando
Se não ganhar pão por deus
Vai rindo volta chorando”.*

Se hoje estes versos dizem pouco, talvez seja porque a urbanização e a massificação tenham “descolorido” a vida dos jovens!

E, continuam os versos de Caetana:

*“És bonita, és simpática
És de todos cobijada
Manda-me o pão por deus
Linda flor tão delicada”.*

*“O verde é esperança
Cor de Rosa alegria
Mando pedir pão por deus
A quem tem tanta valia”.*

*“Nas costa do Coração
Vai o meu nome escrito
Espero receber
Pão por deus bem bonito”.*

Bonam o miam
 caritati, nos amos
 de vobis adhibere
 Nos pater o pater
 tuus a Sicut
 Terribili

In partem
 Hinc colla
 Lata in bonum
 Sicut Sicut
 pater tuus

Sicut tu
 Sicut tu
 Sicut tu
 Sicut tu
 Sicut tu

Pater o miam
 caritati, nos amos
 de vobis adhibere
 Nos pater o pater
 tuus a Sicut
 Terribili

In partem
 Hinc colla
 Lata in bonum
 Sicut Sicut
 pater tuus

Sicut tu
 Sicut tu
 Sicut tu
 Sicut tu
 Sicut tu

Pater o miam
 caritati, nos amos
 de vobis adhibere
 Nos pater o pater
 tuus a Sicut
 Terribili

In partem
 Hinc colla
 Lata in bonum
 Sicut Sicut
 pater tuus

Sicut tu
 Sicut tu
 Sicut tu
 Sicut tu
 Sicut tu

Pater o miam
 caritati, nos amos
 de vobis adhibere
 Nos pater o pater
 tuus a Sicut
 Terribili

In partem
 Hinc colla
 Lata in bonum
 Sicut Sicut
 pater tuus

Sicut tu
 Sicut tu
 Sicut tu
 Sicut tu
 Sicut tu

O segundo modelo a seguir, tem mais recortes, mais colorido, é endereçado a uma só pessoa, porém, tem maior número de versos que os comumente encontrados. É por assim dizer, uma carta poética à senhora Terezinha a quem são feitos muitos elogios, porém, deseja retorno. Ele foi colhido em 1970, mas fazia parte do acervo guardado pela pessoa que não recordava a precisa data de seu recebimento, "por volta" de 1965. Apresenta a ortografia menos correta que a anterior, porém, revela muita sutileza e muita sensibilidade. O sentimental é a principal tônica de seus versos.

*"La vai meu coração
Nas asas de uma andorinha
Vai pedir o pão por deus
A Senhora Terezinha".*

*"Porque é chegado o dia
da jente dá coração
eu lhe peço o pão por deus
com grande satisfação".*

*"Fui ao jardim colher flores
Colhi uma grande Rosa
Comporei com a senhora
Uma prenda tão mmoza".*

*"Por ser uma linda flor
Que no jardim enflorêçe
Mandame o pão por deus
Se o meu coração merece".*

*"Senhora tão delicada
de tanta sabedoria
Eu lhe peço pão por deus
Porque é chegado o dia".*

*"Gosto muito de você para
mim és muito boa não tem
luxo ne orgulho
És uma boa pessoa*

O terceiro "Coração" é do ano de 1973. E foi-me enviado, em outubro, por conhecida de juventude. Há, como em todos, o esmero de recortes, a precisão do desenho, porém já adaptados. Seu colorido é produzido por caneta esferográfica e a ortografia retrata uma boa escolaridade da missivista.

Já os versos estão empregados do tradicionalismo e da ligação ao passado banhado de poesia e respondendo a mesma função, sentimentalismo e troca de presentes. A época de se remeter "Coração" se afirma em outubro, o mês que antecede às grandes festas de fim de ano.

Afirmam alguns idosos do Ribeirão que os presentes solicitados em outubro eram esperados até o Natal. Como se vê, trata-se de uma preparação bem antecipada e cuidada pois os presentes, especialmente onde o dinheiro é pouco e exige economias parceladas, são escolhidos com muito carinho ou então até produzidos artesanalmente, quando então adquirem muito mais expressividade e sentimentalismo.

Em pequeno, por volta de 1938, sonhara em ter um chinelo, que à época parecia-me um encanto, de tranças e solado de borracha, que era confeccionado por uma vizinha da família. Premido pelas limitações financeiras recorri

ao PÃO-POR-DEUS para ganhar o par de chinelos tão cobiçado.

*“Oh! Senhora dona Bilica
Meu afeto e bom dia
Bato e bebo em sua bica
Com o pão por deus da alegria”.*

*“Aqui vai meu coração
Nas patas do quero-quero
pedindo o pão por deus
Bonito par de chinelos”.*

São passados 34 anos para que tenha novo contato direto e sentimental com um “Coração”, recebendo e ofertando o PÃO-POR-DEUS que transcrevo:

*“Meu coração se alegra
Em sua casa chegar
Vai pedir o pão por deus
Antes do tempo acabar”*

*“Os ares de outubro
Estão perto de findar
Manda-me o pão por deus
Que as festas irei mandar”.*

*“Lá vai meu coração
A quem nunca me esqueceu
Vai pedir o pão por deus
Ao meu prezado Nereu”*

*“Com a caneta escrevi
estas linhas bem ligeiras
são coisas raras da vida
desculpe são brincadeiras”.*

Como registrava no início de meu artigo, o PÃO-POR-DEUS tem por finalidade dar vazão ao sentimentalismo; é o folclore do sentimental, e, termino parafraseando:

*“Com a pesquisa colhi
Estas amostras ligeiras
São coisas raras da vida
desculpe são brincadeiras”. (muito séria!)*



O ARTESANATO DA RENDA NO BRASIL

Honrado que fui pela professora Isa Maia, para apresentar a sua obra *O Artesanato da Renda no Brasil*, peço-lhe que me perdoe, ter sido prolixo nesta apresentação. O assunto me atraiu, em razão disto, não consegui melhor sintetizá-lo.

Doralécio Soares

APRESENTAÇÃO

Este é um trabalho que sempre desejei fazer. Focalizar os aspectos técnicos, sociais, econômicos e comunitários da Indústria Caseira de Rendas, no Brasil.

Rendas das Rendeiras, o artesanato típico, tradicional como corporações de obreiras, descendentes de portugueses das ilhas do arquipélago dos Açores.

Quando o Governo português, desejoso de povoar a terra conquistada, para assegurar sua posse, prometeu aos casais açorianos e madeirenses vantagens "mal cumpridas", em aceitando, virem povoar a dadivosa terra de além-mar; famílias açorianas e madeirenses de pescadores natos, às centenas, foram distribuídas pela orla litorânea, a fim de que, povoando, retirassem do mar o produto para seus sustentos.

Enquanto que os homens se dedicavam à pesca e pequenas lavouras para a manutenção do lar; as mulheres trançavam os bilros sobre as almofadas. E, dos seus dedos ágeis, perduram, até hoje estas maravilhas de rendas, cujo

* *O Artesanato da Renda no Brasil*, — obra de autoria da professora Isa Maia, da Universidade Federal da Paraíba. Editora Universitária — Campus Universitário — João Pessoa — Brasil/1979.

aprendizado foi-se transmitindo através das gerações. Rendas margarida, renda sapa, abacaxi, boca de sino, folha de café, bicos, pontilhas, entremeios, água do pote, ponta de luz, labirinto, filé, crivo, e centenas de outras.

O espírito de criatividade das gerações vindouras foram acrescentando novos modelos, num trabalho sucessivo de amor e carinho que perdurará por muitos anos.

As almofadas descansadas sob a sombra das árvores, nas salas ou portas entreabertas. Os bilros, dançando no compasso rítmico da música produzida pelo movimento constante do entrelaçamento das linhas de pontos no ar, na produção de peças que se integraram à nossa cultura popular. Distante o companheiro, na sombra das mesmas árvores, tece a sua rede, seu instrumento de trabalho.

Com o romantismo luso, vieram as suas credices; com seus mitos, suas rezas, sua poesia, sua música, suas canções". A cana verde do mar, Caranguejo, Sereno, O limão" – / A cana verde do mar/Anda a rota do vapor/Eu também hei de andar/Na rota do meu amor. "O Fadinho"/O Fadinho bateu na porta/Mangerona vai abrir/É o cravo mais a rosa/A sucena e o jasmim./A rendeira apaixonada que canta –/O sereno desta noite/Caiu na folha da palma./O dia que não te vejo/Não faço renda com calma/.

Toda essa cultura perdura até a época atual, muito embora tenha sofrido algumas transformações naturais, decorrentes do processo evolutivo. O importante é que as raízes permanecem e as transmissões do aprendizado sucedem de mães às filhas, e às gerações que surgem.

O trabalho cansativo, desenvolvido pela professora Isa Maia, nesta pesquisa comparativa de modelos e pontos dos mais variados espécimes de rendas, onde o "meio trocado e trocado inteiro", no nordeste; é "meio ponto e ponto inteiro", em Santa Catarina, onde vivem, em comunidade, centenas de rendeiras descendentes de açorianos e madeirenses. Trata-se de uma pesquisa laboriosa de quem não mediu esforço para reunir tipos de rendas no próprio habitat das rendeiras e que redundou nesta obra, pequena em volume, mas substancial em conteúdo.

A experiência da professora Isa, dentro da problemática do artesanato de tradição, levou-a a organizar o presente trabalho em que se verifica a marcha ascendente e descendente dessa espécie de artesanato, cuja comparatividade nos mostra o grau evolutivo dessas artesãs, em se tratando de status social. Uma vivência toda dedicada a um trabalho, numa constante luta pela sobrevivência. Posição social, padrão econômico, habitação, nível de vida e amor à arte caseira, são aspectos que a autora focaliza, atendo ao fator comercialização, um dos pontos difíceis na problemática da produção artesanal, no sentido de proporcionar justo rendimento ao artesão.

A figura do intermediário, sempre presente, age, a meu ver, como um atravessador prejudicial ao artesão, que sempre recebe a menor fatia do bolo.

Entre os aspectos destacamos este: “Encomendeira ou Intermediária” — Trajectória da intermediação comercial. — “Rendeira da Renascença”. — A Rendeira vende a montadeira de peças; esta, após armada, encaminha a outra artesã da área rural, para outro acabamento. Esta, após lavar e passar, vende para outra intermediária da cidade. Esta, por sua vez, revende no Recife, donde é vendido para outros centros. Outras vezes, é o esposo da intermediária que vende diretamente em São Paulo. Há intermediários que fazem as suas encomendas fornecendo a matéria-prima. De outras vezes, são comerciantes que fornecem os insumos e compram o produto para revender no centro sul do país.

Comenta a autora que um grupo de religiosas, em Sergipe, contrata a produção das artesãs de rendas “renascença e redendé” sergipano. A comercialização é feita principalmente através dos padres, que, sendo belgas, levam o produto para revenderem em seu país, e o pagamento é feito somente após o retorno. Quando não é usado este processo, é vendido ao longo da BR-101 em Propriá ou através de crianças que cercam os carros que por ali passam e “imploram a compra de um jogo de pano de prato ou bandeja”. Focaliza, ainda, o sistema de vendas em outros Estados.

Infelizmente, este é o quadro representativo em quase todo o Brasil, com raríssimas exceções. Isto ocorre principalmente com o artesanato de tradição, ou seja o folclórico, de corporações de artesãos.

Tem havido, por parte de órgãos públicos, várias tentativas, procurando ir ao encontro de soluções para a problemática “comercialização”, sem entretanto lograr êxito substancial.

Verifica-se que o trabalho ora desenvolvido pela professora Isa Maia mostra os pólos de produtividade da “indústria caseira”, relacionada ao artesanato de rendas no Brasil, no qual focaliza todos seus aspectos, sem entretanto, entrar no mérito de como se deverá encontrar soluções para “racionalizar e qualificar esse tipo de artesanato”, em que se possa elevar as condições econômicas das Rendeiras, principalmente, que continuam à míngua de recursos, em decorrência dos vários fatores apontados e discutidos no presente trabalho.

ASSORI — “Associação de Rendeiras da Ilha”, Santa Catarina

Temos uma experiência válida com a ASSORI. Experiência de coordenador num trabalho voluntário, que quase deu certo.

Quando da sua organização, recebemos importante ajuda assistencial por parte de órgãos do Governo Municipal, isto nos primeiros anos, com a participação de Assistentes Sociais e estagiárias da Faculdade de Serviço Social. Se houvesse continuidade, estaríamos, hoje, com resultados positivos que serviriam de modelo à formação de sociedades congêneres.

Infelizmente, com o afastamento dessas Assistentes Sociais, por motivos óbvios, a quem rendo minha homenagem pelo trabalho que desenvolvem nas mais diversas áreas comunitárias e serviços diversos no Brasil, esse elo que fortalecia a ASSORI foi enfraquecido e partido.

A ASSORI foi fundada em 21 de agosto de 1969, pelo Grupo de Estudos do Artesanato Sul, objetivando qualificar e racionalizar a produção de Rendas de Bilros na Ilha, em face à qualidade.

Com um capital de apoio inicial de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros), loja de exposição e vendas, foi pouco a pouco, crescendo, tendo após recebido da LBA, um auxílio de Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros) para aplicação em insumos.

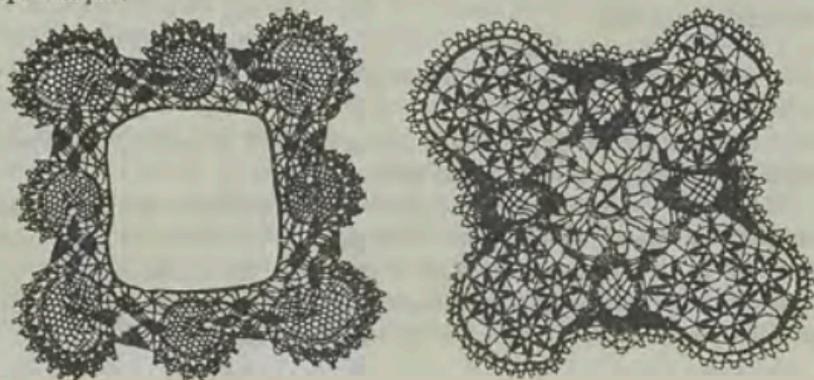
Conforme determinam seus Estatutos, uma diretoria é eleita anualmente. Funciona com seus Departamentos de Produção, Compra, Venda, Contábil e de Assistência.

É uma Sociedade *sui generis*, pois é a única que paga as obreiras no ato de entrega das rendas e distribui parcelas dos lucros às rendeiras que mais produziram durante o ano.

Um dos fatores que contribui para que seu quadro de associadas seja reduzido (82), é referente à qualidade. “Renda mal feita é peça perdida”, e o compromisso da obreira que ingressa na ASSORI é executar boa renda. E muitas rendeiras preferem as intermediárias, porque essas aceitam tudo.

A comercialização com todas as suas implicações apontadas por Isa Maia, também se faz sentir entre nós em seus aspectos negativos. Isso ocorre principalmente nos meses de inverno, quando a frequência de turistas é mínima. Conseqüentemente caem as vendas e, *ipso facto*, há retração de produção. Está em estudo um projeto de exportação. Oxalá dê certo.

Este é o nosso modelo, que luta com dificuldade de Capital de Giro e completo alheamento por parte de órgãos públicos, responsáveis por projetos no sentido do aproveitamento dessa importante faixa de submão-de-obra artesanal. As tentativas existentes, quase sempre fracassam desmotivadas pela improvisação.



A METEOROLOGIA MATUTA DA ILHA DE SANTA CATARINA

A. Seixas Netto

(Da Academia Catarinense de Letras)

(Da Comissão Catarinense de Folclore)

A Ilha de Santa Catarina, hoje deformada geograficamente pelos aterros litorâneos que tomaram as Baías Norte e Sul, áreas enormes, destruindo a composição basilar do ecologismo marinho; e, também, com suas florestas nativas destruídas, que levou ao desaparecimento de aproximadamente 80 espécies de pássaros e 30 espécies de animais de superfície, todos de alto valor alimentício, às gentes, desde o Carijó nativo ao gentio de agora, — teve, desde os primórdios da ocupação alienígena, até 1950, uma composição lingüística muito interessante, gerando, na mesma e nos seus naturais, cinco co-dialetos distintos por área. Assim, a área de Canasvieiras até Santo Antônio, a influência francesa, dos piratas, era notável no linguajar, com grande número de palavras de origem franca; na área de Ingleses do Rio Vermelho, a influência dos piratas albiônicos foi grande; no Ribeirão da Ilha, o falar era completamente açorista, que diferia em sonoridade e significados vocabulares do português metropolitano; no Alto Ribeirão, o português era luso puro, como, até agora, inda há algumas pessoas ali que assim falam. O centro urbano da Desterro, desde vila até cidade, tinha alguma influência espanhola; após 1950, na área urbana, um surto de cosmopolitismo lingüístico, mal apurado, com influências várias, desde o alemão ao inglês, com laivos de francesismos e italianismos. Estas evoluções ou composições glotológicas não foram ainda estudadas pacientemente. Todavia, permaneceram os vocábulos indígenas carijós a nomear a aves e acidentes geográficos. Mas com essas miscigenações de gentes e linguagens, o ilhéu foi se formando como um povo local distinto, hoje bastante reduzido, pois o número de nativos de descendência histórica está na casa dos 10.000. Os ilhéus se denominavam “matutos”, por conservarem o costume luso de “acordarem com a estrela Matuta”, ou seja, com Vênus Matutina, que equivale a dizer que os matutos acordavam, para as lides da roça e da pesca, alta madrugada, ou pelas 4 horas da manhã, indo o Sol encontrá-los com o serviço quase completo; ou seja, roça capinada na madrugada, vacas ordenhadas, pescarias arrumadas. Há muito que estudar do costume matuto ilhéu. Mas o notável no matuto era a sua Meteorologia, procedente dos seus ancestrais, destros na arte de tempo e de marear, que foram os lusitanos, tan-

to os da Pátria como os d'Além-Mar. Mas como o próprio autor é matuto, e descendente de matuto ilhéu, tomou a decisão de colocar em versos, pra melhor mnemônica, a sistemática de "Saber" o tempo. Assim, temos nesta notável meteorologia óptica matuta, estas notáveis regras, que vão em versos cantáveis e memorizáveis:

1

*De manhã, gato lambendo,
à noite estará chovendo.*

2

*Gato no chão, em rodilha,
é frio que vem pela trilha.*

3

*Gato estirado no chão,
é bom tempo e calorão.*

4

*Pássaro voando rente ao chão,
muito calor e baixa pressão.*

5

*Muito alto ave voando,
alta pressão vai chegando.*

6

*Urubu voando em círculo,
dando volta à direita,
é vento sul à espreita.*

7

*Urubu voando bem baixo,
à esquerda volteando,
é vento norte voltando.*

8

*Em manhã vermelha,
nem campo nem relha.*

9

*Nuvem vermelha, ao sol nascendo,
traz chuva forte, ao sol morrendo.*

10

*Altas nuvens rabo de galo,
para o norte se desfiando,
massa fria do sul chegando.*

11

*Lanosos cumulus brancos,
esparcos do norte vindo,
é calor que está surgindo.*

12

*Cumulus brancos de lã,
esparcos, no céu passando,
o bom tempo está chegando.*

13

*As galinhas se catando,
Céu nublado e vento brando.*

14

*O galo à tarde cantando,
Nuvens escuras chegando
e temporal se formando.*

15

*Galinha a sombra buscando,
Sol quente e calor vibrando,*

16

*se o galo, de madrugada,
canta longo e sonoro,
vem muito clara a manhã
e dia de sol radioso.*

17

*O cachorro enrodilhado,
o tempo estará molhado.*

18

*O trevo todo fechado.
chão úmido e céu molhado.*

19

*Nuvem bem alta, mui grossa e vasta,
vento forte e tempestade arrasta.*

20

*Com cheiro de maresia,
tem vento sul neste dia.*

21

*Cheiro de barro no ar chegando,
é o vento terral resfriando.*

22

*Rabo de galo alto torcendo,
é ressaca que vem batendo.*

23

*Céu pro Oeste esgazeando,
muito frio na serrania,
muita tainha chegando.*

24

*Sereno de manhãzinha,
muito calor à tardinha.*

25

*O dia calmo e mar crespo
sem grande ondeação,
é vento de viração.*

Deste modo, o autor, faz uma homenagem à arte de *Ver o tempo* dos matutos seus ancestrais, tomando em versos a velha arte meteorológica. Mas os versos, guardando a *meteorologia matuta ilhoa* são, ao todo, 250, que, mais tarde, se publicarão em livro, para uso e exame de quem quiser ver o quanto sabiam os ilhéus da *Arte de Marear, do Céu e do Mar*. Mas, para documentário, a cada Boletim da Comissão, farei publicar dados dessa *meteorologia matuta* em quantidade de 25, que os meus ancestrais matutos chamavam de *duas dúzias cheias* ou duas dúzias e a *inhapa*. Uma espécie de abono, ou gratificação, que os vendedores ilhéus davam aos compradores de suas mercadorias. A *Inhapa* tem uma história e um uso, ainda contemporaneamente, nos sítios onde a ganância e a bruta sociedade de consumo não chegou. Um dia falarei-mos disto. . .

Mas no livro, a ser publicado, os versos estarão dispostos em português usual e em linguajar matuto, conforme a área ilhoa e seu dialeto. Por exemplo, em linguajar do antigo Saco Grande, — que era subdistrito de Santo Antônio de Lisboa, — o verso 17

U cahorru inrudiádo

U tempu istará moiádu.

Logo, será uma edição *bilingüe*: Português — Matutês.

PANDORGAS EM FESTIVAL

Pois é! Nos primeiros dias de agosto, deste ano, ali no aterro da Baía-Sul da Ilha — pedaço de terra tomado ao **Mar Mediterrâneo** ilhéu, que já vai por isto, e por causa disto, sumindo — houve mais um Festival de Pandorgas, com bom tempo e ventos de nordeste, firmes. A Pandorga foi, sempre, desde uma antigüidade bem distante, o quanto lhe permitia a História da Povoação Açorita, a brincadeira mais exercida e cultuada. A Pandorga estava para a criança ilhoa como a Bola de Futebol para o brasileiro hoje. O Mês de Pandorgas era dezembro, mas o “tempo de Pandorga” distendia-se de dezembro a março; brincadeira de verão, portanto; agora, todavia, por inovações outras, o Festival se faz em agosto, mês dedicado ao Folclore. O iniciador do Festival de Pandorga foi, sem dúvida, faz umas duas décadas, o jornalista Doralécio Soares, atual Presidente da Comissão Catarinense de Folclore; e o primeiro Festival foi no **Morro da Ponte**, ainda em trabalhos de desmonte, no cimo da rua Felipe Schmidt. Depois, organizou os Festivais, o jornalista Beto Stodieck, hoje na América do Norte; e as Pandorgas se levantavam ali na Beira-Mar Norte, em construção. Os dois últimos Festivais, e este de agora, são trabalho de Luiz Paulo Peixoto, publicitário. E, sendo uma coisa maravilhosa, os festivais se distenderão, por certo, tempo afora, com outros organizadores. Talento, espaço e vento é que não faltam por estas bandas.

O nome do objeto realmente, não é **pandorga**. É outro, talvez um vocábulo ideográfico chinês, que, após Pigafeta levar o primeiro papagaio pra Europa, no século XVII, pelo seu multicolorido deu-lhe o nome, pois o tal **objeto aéreo cativo** foi introduzido, em Veneza, pelos irmãos Polo vindos do País das Maravilhas de Gengis-Khan, o Celeste Império. E o **papagaio** surgiu, no ocidente, com a forma losangular primitiva dos chins; depois, a dita forma evoluiu segundo valores totêmicos e míticos das regiões ocidentais. **Pandorga** é um brasileirismo do Sul e significa exatamente isto: **tolo, malandro, pândego, músico desafinado, mulher dodivanas**. Realmente, a **Pandorga** tem a forma quadrangular, pesadona, difícil de maneabilidade. A correlação dada pelos brasileiros sulinos certamente é significativa e perfeita. No restante do País, é **Pipa** e **Papagaio**. Na velha China dos Mandarins ociosos, o **objeto aéreo** eleva-

va-se à categoria de instrumento musical dos deuses, porque, à cauda, de certo modo, iam presas flautas de taquaras de bambu imperial e cana do reino que, sopradas pelo vento, emitiam melodiosos sons. Mas já no tempo de Gengis, conforme o aventureiro venezino Marco Polo, que chegou até ser Vice-Rei do Khan, o **papagaio** era instrumento de comunicação entre as tropas aguerridas do Mongol. O funcionamento da **telecomunicação** era, em linhas amplas, este: a Mensagem era escrita no **papagaio**; levado a grande altura, por ventos favoráveis, sua linha era cortada em momento exato para cair no ponto desejado. E isto, certamente, implicava nalgum cálculo de trigonometria plana.

Mas o **papagaio** veio para a Europa com Marco Polo e para o Brasil com os Portugueses. Na Europa, além do possível divertimento de nobres, em variada forma, constituiu-se, no século XVIII, em instrumento importante nas Ciências Físicas da Atmosfera e na Arte de Marear. Deste modo, os lusitanos criaram os **papagaios de salvamento**, enormes **papagaios** losangulares, que levavam, em momentos de perigos navais, cabo desde a costa ao navio em perigo, ou em alto mar, de navio a navio. Esteve em uso até o início do século vinte e, talvez, ainda se use hoje, embora reduzidamente, nas costas lusas do Atlântico. Na França, em forma de **caixas** ou células de Hargraves, o **papagaio francês**, serviu para pesquisas da Alta Atmosfera, até 3 quilômetros, quando eram usados **trens** ou reboques de 10 ou mais **papagaios**; na América do Norte, Franklin usava **papagaios** para medir a Umidade do Ar e as descargas elétricas, permitindo que, com Roma, chegasse a inventar o Pára-Raios. Na aviação nascente, o **papagaio** contribuiu muito, pois as asas dos primeiros aviões foram células de Hargraves e o primeiro a usar como asas os **papagaios-caixa** foi Santos Dumont, no 14 Bis, o avião misto de **papagaio** e de quilha do Balão 14, daí seu nome **14 Bis**; mais incrível e inusitado porque voava com a cauda e os lemes profundos para a frente; uma cousa notavelmente esquisita em que a proa era a popa e a popa era proa.

Cá na Ilha de Santa Catarina — não levando em conta as **fantasias** atuais — desde os primeiros açoritas, tivemos e temos: a **Pandorga** verdadeira, quadrangular, de seis varetas e tirantes tripódicos; a **Popa**, lembrando a roda do leme dos navios que trouxeram os açoritas; a **Arraia** — o peixe —, como tributo aos pescadores locais; a **Estrela**, ou **Signo de Salomão**, de cinco pontas, usado antigamente na ilha como talismã. Depois, por influência “**carioca**”, do Rio de Janeiro, a **Pipa**, que é um **papagaio** híbrido, ou seja metade superior **Pandorga**, metade inferior **papagaio** chinês. E, por fim, os **Barrilotes**, figurando os barris de vinho de Portugal, trazidos para a Metrópole e, logo a seguir, difundidos em todo o Brasil. Mas, em verdade, cada lugar tem seu **papagaio**

típico, que conta um pouco da história e do mitologismo local. Na Ilha, falam muito simbolicamente a **Pandorga**, a **Popa**, a **Arraia**, como era chamado todo papagaio, generalizadamente, por aqui. Aliás, como sou matuto ilhéu, posso revelar que, no meu tempo de guri, a palavra **Pandorga** era tabu; era falada escondida, pelo seu significado profano: Mulher doidivas. Deste modo, a história sucinta dos **Papagaios** e das **Pandorgas**. Mas a verdade é que, fora dos modelos históricos e tradicionais, o restante é pura imaginação, puro enfeite, e não é mesmo folclore . . . certamente, no futuro, um dia será . . . mas é preciso **correr tempo**. De qualquer maneira, tudo o que oferece resistência ao vento, se ancorado, tende subir. Mas, em verdade, a forma, o uso e o costume dizem tudo . . . e as inovações dizem realmente nada. E as **Pandorgas** deixaram já de ser uso e costume, logo folclore, na Ilha de Santa Catarina; agora, são simples curiosidades para definidos momentos festivos. E é só. Realmente, entendo que o Presente só existe como colcha de retalhos do Passado, tentando agasalhar o Futuro.

A. Seixas Netto



PROFESSOR JOÃO DOS SANTOS AREÃO, O CATARINENSE DE TAUBATÉ

Abelardo Sousa

São Joaquim da Barra é uma pequena cidade paulista, distante 409 quilômetros da cidade de São Paulo. Está situada no norte do Estado, quase na divisa deste com o de Minas Gerais. Uma cidade assim como Camboriú, aquela Camboriú que a gente não vê mais, porque a esconderam de quem passa na BR-101, que é hoje a estrada por onde passa todo mundo. São Joaquim da Barra é uma típica cidadezinha do interior paulista, com a sua caixa d'água de concreto armado visível de longe, bem de longe, porque firmada em altos pilares, parecida com a existente ali em nosso Instituto de Educação "Dias Velho". O casario da cidade é, na maior parte, antigo.

A maioria das ruas ainda tem por leito o barro vermelho. É um encanto a clássica pracinha, à frente da matriz, com o seu inseparável coreto, palco de românticas retretas da banda de música local. Tudo ali se arrasta numa calma e serenidade que fazem bem. À tarde, a cidadezinha parece que faz a gente ver e sentir aquelas "tardes silenciosas de Lindóia" (também cidade paulista, de características semelhantes), de que fala a antiga valsa de Zequinha de Abreu.

Tardes de uma beleza triste, que embevece e comove a gente.

Bem, convém dizer que esta é a imagem da São Joaquim da Barra que eu vi em 1960, quando por ali andei rumo a Brasília. Hoje, o quadro pode ser outro, embora eu tenha cá as minhas dúvidas. O certo é que bem diferente, talvez, terá sido o cenário de São Joaquim da Barra, quando ali chegou, nos fins da primeira década deste século, um jovem professor, que vinha de Taubaté para reger a escola local. Tão longe era São Joaquim da Barra, de Taubaté!

Uma distância comparável à extensão de Santa Catarina, no sentido leste-oeste. Mas, o moço precisava e queria trabalhar. Nos primeiros contatos com a gente da terra, soube que na escola havia um aluno, que tinha sido até ali, o terror dos mestres. "Tome cuidado!" disseram-lhe, "o guri é o capeta em traje de gente". . . O moço passou quase toda aquela noite em vigília, "bolando" um modo de neutralizar a sapequice do rapaz. No dia seguinte, cara fechada, formou os alunos, fê-los entrar na sala de aula e mandou que todos tomassem assento nos bancos. Ato contínuo, chamou: — Lázaro José Ribeiro! Quem é? — "Eu", disse o capeta, levantando-se com cara de capadócio. — "Venha cá". Foi o rapaz à frente da classe e o Professor, pegando-o com jeito pela orelha, aplicou-lhe na palma da mão uma estalada série de dez

bolos. O guri, assustado e surpreso, lambicava: — “Mas eu não fiz nada”. Ao que o Professor respondeu: “Isto já é por conta do que tu vais fazer”.

Foi a prova de fogo, da qual saiu vitorioso o Professor João dos Santos Areão. Lázaro José Ribeiro nunca mais incomodou ninguém.

Os tempos passaram e o jovem Mestre foi convidado, em 1912, pelo emérito educador Orestes Guimarães para trabalhar em Santa Catarina, fazendo parte da primeira equipe de professores paulistas, que veio colaborar na execução da reforma do ensino de 1910-11, ato que marcou, fundo, o Governo Vidal Ramos. Como César, veio, viu e venceu. Foi professor e, logo em seguida diretor do Grupo Escolar da Laguna.

Ali casou e constituiu família. Veio, mais tarde para Florianópolis, onde exerceu cargos diversos e de grande responsabilidade no setor educacional: Inspetor Escolar, Inspetor de Escolas Subvencionadas, das Escolas Particulares e Nacionalização do Ensino, das Associações Auxiliares da Escola e do Ensino Normal. Neste último cargo, aposentou-se em fins de 1950, aos quarenta anos de serviços. Serviços relevantíssimos prestados à educação barriga-verde.

Conheci Mestre Areão pelos anos 1936-37. Como amigo de seu filho Juanito, freqüentava-lhe a casa costumeiramente. A partir de 1940, ingressando no magistério, tive-o como superior e amigo. Mas, foi no período de 1947-50 — quando vim para o Departamento de Educação — que a nossa amizade mais se intensificou. Pude, então, muito de perto, observar-lhe as qualidades de inteligência, cultura, retidão e bondade, que lhe omavam o espírito bem formado. Nunca o vi irritar-se, como jamais ouvi dos muitos colegas de magistério com quem convivi qualquer queixa ou comentário que desabonasse a conduta desse Mestre invulgar. Temperamento jovial, alegre e jocoso, Mestre Areão tinha o condão de cativar de pronto as pessoas, especialmente seus colegas e amigos. No Departamento de Educação era — como se diz na gíria pitoresca de hoje — o “quebra-galho” na solução de difíceis problemas que amiúde surgiam na área administrativa e técnica da educação popular. — “Já falou com o Areão? Então, fala”, dizia Mestre Elpídio Barbosa, quando algum problema azucrinava a “cuca” da gente.

No final do ano passado, eu e o Professor Wanderley estivemos a visitá-lo, para dar-lhe ciência da justa decisão do nobre Governador Jorge Bomhuysen, restabelecendo vantagem indevidamente cortada do provento de inspetores de ensino aposentados. Mestre Areão não mudara. A mesma alegria e o mesmo caráter jovial e jocoso. Que bom envelhecer assim! pensei eu, então. No curso da visita, pudemos ver o amigo de 87 anos, ainda às voltas com sua estação de rádio-amador (quantos benefícios trouxe a muitos!), com seus trabalhos de escultura em madeira, com seus desenhos, e, ainda, com um artigo que preparava para a Comissão Catarinense de Folclore, da qual era um dos membros mais antigos e participante do seu Conselho Consultivo. Esse artigo — A marca do gado — foi publicado, em seguida, no Boletim No.

32, de novembro de 1979, da referida Comissão.

Daquele encontro amigo, de quase uma hora, registro aqui dois fatos pitorescos contados por Mestre Areão. O primeiro tem relação com a alegria que manifestamos pela sua saúde e lucidez, que ele disse não serem tão boas assim. "Tanto é que — contou — dia desses bateram à porta. Fui atender e deparei com um sujeito barbado e desarrumado, ao qual logo perguntei: — Que deseja o Senhor? E ele: — "Que é isso, Velho? Que diabo! Não conheces mais o teu filho?" Era o Juanito". E Mestre Areão abriu-se naquela sua característica e contagiante gargalhada.

O segundo fato deu-se há muito tempo. Quando o Interventor Nereu Ramos nomeou o Professor Sebastião Rocha para dirigir o nosso ensino, em 1938, em substituição ao saudoso Professor Trindade, soube que este ficara muito magoado e que estaria colocando obstáculos à ação do novo dirigente. Chamou ao Palácio o Professor Areão, para certificar-se dos fatos. Areão ponderou que a mágoa de Mestre Trindade era justificada e saiu-se com esta: "Afinal, o Senhor roubou a amante dele e deu-a a outro". . . Espantado, o Sr. Nereu Ramos interpelou-o: "Que diabo de história é esta de roubar a amante do Trindade?" Calmamente, Areão lhe explicou: "Ora, o Senhor sabe perfeitamente que a amante do Trindade era o Departamento de Educação. O Senhor tirou-a dele e deu ao Rocha e quer que ele não se aborreça?". . . Nereu teve de rir, ele que não era disso.

O Professor Areão, além de educador, foi um estudioso da Sociologia, do nosso folclore e da nossa história, e também cultivou a música e a poesia, tendo participado, como violinista, da nossa antiga Orquestra Sinfônica e introduzido o canto orfeônico em nossas escolas. Inúmeros são os hinos e canções que compôs para os educandários do Estado, quando a música e o canto eram tidos como disciplinas importantes dos currículos escolares e os alunos sabiam cantar o Hino do nosso Estado.

A morte, agora, do amigo e colega Areão me faz meditar, entre outras coisas, sobre certo catarinensismo chauvinista, que, ontem como hoje, grassa entre nós. Uma antipatia descabida de alguns que, não podendo desfazer um trabalho reconhecidamente útil e meritório realizado, no passado ou no presente, por homens de indiscutível valor não-nascidos em Santa Catarina, mas com antigas raízes aqui, ou que vieram deitar novas raízes em chão catarinense, vêm com aquela "supermanjada" de que "Fulano não é catarinense". Gostaria de saber o que pensa disso o catarinense-carioca, Governador Jorge Bornhausen.

Well. . . and now, good-bye! Mestre Areão, e leve para aquela morada, que a sua religião garante haver no Além, a nossa saudade e a certeza de que os bons catarinenses sempre o tiveram e o têm como um deles. Cataninense de adoção, porém mais catarinense do que muitos de nascimento. *Transcrito do jornal "O Estado" — 27-04-1980.*

PASQUINS: trovas recolhidas de velhos "pasquins"

x

*Fui ao mato cortar lenha
Cortei o dedo do pé
Amarrei uma fitinha
Quem me deu foi o José*

QUADRINHA DO SIRI

*Pegou fogo no Bilé
Em facas e bainhas
O povo todo gritava
Queimou as pulgas que tinha*

x

*O povo de trás do morro
O povo de Itacorobi
Fizeram camisa nova
Com o dinheiro do siri.*

x

*Fizeram casa caiada
Com dinheiro do Siri
A mil quinhentos à duzia*

Foi coisa que nunca vi.

*Pegou fogo no Bilé
ou larai
Na manga da camisa
ou larai*

*O Povo todo gritava
Deixa queimar o lambisa*

x

*O carangueijo não é peixe
Não é peixe que se coma
já vae chegar o tempo
Das mulheres falar aos homens.*

x

*Os filho da Merência
Levaram uma grande esfrega
Deixaram o pobre do bicho
Roer a corda da égua.*

TROVAS – Recolhidas no Ribeirão da Ilha, ditadas por nosso velho companheiro, filatelista João Teixeira da Rosa

*O teu leque perfumado
Traz-me agora ao pensamento
Aquele antigo ditado
Palavras leves ao vento*

*Quando tiveres te abanando
Nunca digas que me queres
Porque o vento irá levando
As palavras que disseres.*

GENTE DE FORA

Fora do meu certo lenha
 Corta o duto do pé
 Acertei unha fitinha
 Quem me deu foi o João

MISS DO AHIRAHO

Esquece logo ao BBO
 Por que é bairrada
 E pague todo o resto
 Que faga os pulgas que faga

O peso de todo do morto
 E polo de Itacoreti
 E creem cantos novos
 Com a dadeira do teu

Pararam con o xodi
 Com dinheiro do SBC
 A mil capitulos d'ouzo

he rantez a rantez

TROYAS - Recollidas no Ribeiro da Vila, dadas por nome de trovas e canções
 deiros, finalista João Teixeira de Sousa

O teu leque perfumado
 Foi-me agor no sentimento
 Amada antiga ditado
 Faltava levar ao vento

Quando tiveres le aborrido
 Nunca digas que me queres
 Porque o vento irá levando
 Aquele que digeres

CONGADA DA LAPA

Roselys Veloso Roderjan

A cidade da Lapa (ex-Vila do Príncipe), localizada nos chamados Campos Gerais do Paraná, teve nos séculos 18 e 19 sua economia voltada para a pecuária e erva-mate, com uma população negra relativamente escassa. Mesmo assim a cultura negra manifesta-se totalmente num folguedo denominado "Congada", o qual subsiste até nossos dias. Foi sempre levado durante os festejos de São Benedito, realizados anualmente depois do Natal.

Conta-se que famílias lapeanas, que possuíam ricos adereços de ouro os emprestavam com prazer aos Congos, para maior brilho da festa. Ainda hoje algumas pessoas, entre as jóias da família, guardam peças que foram de Congos famosos por suas apresentações.

A Congada da Lapa constitui-se de diálogos declamados, danças e cantos, sendo representadas só por homens, com exceção da Rainha do Congo, que é figura decorativa. O texto é dramático e acompanhado de representações, com todos os personagens caracterizados com roupas vistosas. Os cantos e danças são atualmente acompanhados por dois bumbeiros, um acordeão e um violão.

A cena se passa entre a corte do Rei Zumbi Ganaiame, do Congo, e a embaixada da Rainha Ginga, do reino de Metícola, de Angola. Após os desentendimentos, inclusive duas guerras, o Rei aceita a amizade da embaixada e todos entoam louvores a São Benedito.

A CONGADA

Os "Congos" e o Rei, depois de terem oferecido a Congada a São Benedito, na Igreja, dirigem-se ao local da apresentação.

1 – Chegada do Rei ao Trono

Acompanhados da "fidalguia", entram em cena o Rei, o Reizinho e a Rainha.

A "fidalguia" cruza as espadas, recepcionando o Rei, que se dirige ao trono.

O Rei fala com seus vassalos.

2 – Apresentação dos Vassalos

Apresentam-se o Secretário, o Príncipe, o Duque, o Marquês, os Fidalgos e o Porta-Bandeira.

O Rei volta a falar e os fidalgos louvam seu Rei:

— Esta festa é de ter fama

Ó Rei nosso Ganaíame

Por este Reino d'Angola

Muito grande ele se chama.

3 — Homenagem a São Benedito (Dança)

Após entoarem louvores a São Benedito, a “fidalguia” principia a dança em sua homenagem, que é iniciada pelo Príncipe. Todos empunham um pequeno buquê, com o qual fazem cumprimentos durante a dança, dançando depois com as bengalas.

4 — Invasão do Embaixador (canto e dança)

Ruidosamente entram em cena o Embaixador, o Cacique, o Sobrecacique e os Conguinhos, soldados da Rainha Ginga.

Dançam e cantam, dizendo que a Rainha os mandou para participarem da festa que o Rei Zumbi Ganaíame está promovendo.

5 — O Rei Intercede

Sem entender o que se passa, o Rei fala ao Secretário para ir ver o que há:

— Oi, lá, vós Secretário,

Vai me vê que gente é essa

Entrando no meu reino a dentro

Sem ordem e sem licença.

Em seguida, o Secretário, o Porta-Bandeira e o Príncipe dirigem-se ao Embaixador, que é interpelado pelo Príncipe. O Embaixador responde atrevidamente. O Príncipe manda o Secretário contar ao Rei, sobre a ofensa que acabou de sofrer.

6 — A Primeira Guerra

O Rei ordena a guerra ao Embaixador, que tenta em vão explicar ao Príncipe seus propósitos pacíficos.

O Rei autoriza o Embaixador a vir falar consigo.

Enquanto isso, guiados pelo Cacique e pelo Sobrecacique, os Conguinhos dançam, cantando:

— Conguinho de forma, ai, sabe bailar!

7 — Discussão entre o Rei, o Embaixador e a “Fidalguia”

Em vão o embaixador e o Príncipe, que se tornaram amigos, esclarecem o Rei sobre as boas intenções da Embaixada da Rainha Ginga.

O Rei ordena ao Embaixador que se retire.

A “fidalguia” brada em coro:

— Arma, arma, guerra, guerra,

que corra o sangue por ela!

8 — A Segunda Guerra

Avança!

Ao grito do Príncipe, avançam os fidalgos contra a Embaixada.

Os Conguinhos cantam:

– Ai, nós não queremos guerra,
queremos prazer.

Ai, chorando por ela,

Vencer ou morrer!

9 – Prisão do Embaixador

O Embaixador é aprisionado e fala:

– Príncipe, suspende a guerra!	Sou do Reino de Metícola
Não faça o sangue correr!	Um fiel embaixador.
A mim não venho guerrear,	Venho te trazer amizade
Uma oferta venho te fazer.	Em troca do teu amor.

10 – Faz-se a Paz – Apresentação dos Conguinhos

O Rei convida o Embaixador a sentar a seu lado, perdoando-o.

O Cacique anuncia que os Conguinhos vão dançar e bailar, em louvor a São Benedito.

Os Conguinhos depois se apresentam, dizendo cada um o seu verso.

– Nos todos somos jardim!

Trazemos cravos e rosas

Com sobrenome de alecrim!

11 – Despedida do Embaixador (dança)

O Embaixador e a “fidalgua” se despedem, enquanto os Conguinhos dançam a dança da despedida.

12 – Retiram-se o Embaixador e os Conguinhos

– Dai-me licença senhor,

Que vos quero arretirar...

O Embaixador se despede, cumprimentando o Rei, o Reizinho e a Rainha.

– Adeus, rei, adeus, vassalo,

Vou-me embora pra minha terra,

Subindo naqueles bosques

E descendo aquelas serras.

Na despedida, cantam os Conguinhos:

– Vestidinhos de amarelo

De brinquinho de Sinhá.

Ai, tiro, leo, leo, leo

Os Conguinhos bate o pé!

13 – Final da Congada

Vão saindo todos de cena, completando-se o cortejo com a saída do Rei e da sua Corte.

O Rei volta a falar e os fidalgos louvam seu Rei:

– Esta festa é de ter fama

Ó Rei nosso Ganaíame

Por este Reino d'Angola

Muito grande ele se chama.

3 – Homenagem a São Benedito (Dança)

Após entoarem louvores a São Benedito, a “fidalguia” principia a dança em sua homenagem, que é iniciada pelo Príncipe. Todos empunham um pequeno buquê, com o qual fazem cumprimentos durante a dança, dançando depois com as bengalas.

4 – Invasão do Embaixador (canto e dança)

Ruidosamente entram em cena o Embaixador, o Cacique, o Sobrecacique e os Conguinhos, soldados da Rainha Ginga.

Dançam e cantam, dizendo que a Rainha os mandou para participarem da festa que o Rei Zumbi Ganaíame está promovendo.

5 – O Rei Intercede

Sem entender o que se passa, o Rei fala ao Secretário para ir ver o que há:

– Oi, lá, vós Secretário,

Vai me vê que gente é essa

Entrando no meu reino a dentro

Sem ordem e sem licença.

Em seguida, o Secretário, o Porta-Bandeira e o Príncipe dirigem-se ao Embaixador, que é interpelado pelo Príncipe. O Embaixador responde atrevidamente. O Príncipe manda o Secretário contar ao Rei, sobre a ofensa que acabou de sofrer.

6 – A Primeira Guerra

O Rei ordena a guerra ao Embaixador, que tenta em vão explicar ao Príncipe seus propósitos pacíficos.

O Rei autoriza o Embaixador a vir falar consigo.

Enquanto isso, guiados pelo Cacique e pelo Sobrecacique, os Conguinhos dançam, cantando:

– Conguinho de forma, ai, sabe bailar!

7 – Discussão entre o Rei, o Embaixador e a “Fidalguia”

Em vão o embaixador e o Príncipe, que se tornaram amigos, esclarecem o Rei sobre as boas intenções da Embaixada da Rainha Ginga.

O Rei ordena ao Embaixador que se retire.

A “fidalguia” brada em coro:

– Arma, arma, guerra, guerra,
que corra o sangue por ela!

8 – A Segunda Guerra

Avança!

Ao grito do Príncipe, avançam os fidalgos contra a Embaixada.

Os Conguinhos cantam:

– Ai, nós não queremos guerra,
queremos prazer.

Ai, chorando por ela,

Vencer ou morrer!

9 – Prisão do Embaixador

O Embaixador é aprisionado e fala:

– Príncipe, suspende a guerra! Sou do Reino de Metícola

Não faça o sangue correr! Um fiel embaixador.

A mim não venho guerrear, Venho te trazer amizade

Uma oferta venho te fazer. Em troca do teu amor.

10 – Faz-se a Paz – Apresentação dos Conguinhos

O Rei convida o Embaixador a sentar a seu lado, perdoando-o.

O Cacique anuncia que os Conguinhos vão dançar e bailar, em louvor a São Benedito.

Os Conguinhos depois se apresentam, dizendo cada um o seu verso.

– Nos todos somos jardim!

Trazemos cravos e rosas

Com sobrenome de alecrim!

11 – Despedida do Embaixador (dança)

O Embaixador e a “fidalgua” se despedem, enquanto os Conguinhos dançam a dança da despedida.

12 – Retiram-se o Embaixador e os Conguinhos

– Dai-me licença senhor,

Que vos quero arretirar...

O Embaixador se despede, cumprimentando o Rei, o Reizinho e a Rainha.

– Adeus, rei, adeus, vassalo,

Vou-me embora pra minha terra,

Subindo naqueles bosques

E descendo aquelas serras.

Na despedida, cantam os Conguinhos:

– Vestidinhos de amarelo

De brinquinho de Sinhá.

Ai, tiro, leo, leo, leo

Os Conguinhos bate o pé!

13 – Final da Congada

Vão saindo todos de cena, completando-se o cortejo com a saída do Rei e da sua Corte.

UM POUCO DA TRADIÇÃO CARIOCA

Dulce Martins Lamas

Sempre que se fazem referências ao termo **carioca** há uma certa curiosidade pela sua significação. O que indica realmente a palavra carioca, dada aos que nascem nesta parte do Rio de Janeiro, ex-capital do país?

A origem etimológica da palavra **carioca** sofre muitas interpretações, podendo-se citar a de Jean de Lery, o mais antigo cronista da Guanabara, que analisa a palavra como proveniente da língua tupi, isto é, **kari** (casa) e **oka** (branco), logo **Kari'oka**.

Antenor Nascentes no seu **Dicionário Etimológico**, faz um pequeno histórico: "É certo que um **branco** construiu uma **casa de pedra e cal**. . . . nas proximidades da foz de um rio que desembocava na baía de Guanabara, na praia do Flamengo. Canalizadas as águas deste rio, chamado **Carioca**, vieram ter ao campo de Santo Antônio e com elas se abasteciam os moradores da cidade do Rio de Janeiro que, por isso, foram apelidados **cariocas**".

E, muitas são as informações, quase todas faltando dados mais concretos sobre esta casa de pedra. Talvez a mais antiga construída pelo homem branco nestas plagas. Serviu, segundo o relato dos antigos viajantes e cronistas aos colonizadores, quer portugueses ou franceses, para vários fins. Sabe-se que as referências à Casa da Pedra se fazem até o século XVIII, perdendo-se, contudo, na bruma do tempo, quem a teria construído e para que fim.

Mas, nem todos os estudiosos se conformam com a origem do termo **carioca** (casa de branco); há os que interpretam como água corrente da pedra como é o caso de Monsenhor Fizarro de Araujo. E, mais ainda, os que buscam a conotação com a palavra **cari** ou **acari** como os índios tamaios chamavam o peixe cascudo, muito comum nos nossos rios. **Carioca** seria, então, casa dos **caris**.

O que nos parece, contudo, mais significativo é o fato de **carioca** ser nome do histórico rio, cujas águas descem pelas escarpas do Corcovado e que formaram o vale do bairro das Laranjeiras. Suas águas, em outros tempos, eram tão caudalosas que chegaram a servir de navegação às pequenas embarcações, usadas por lavradores que transportavam os seus produtos para abastecerem o povoado.

Depois com a cidade crescendo e o precioso líquido escasseando, as

águas do Carioca foram canalizadas para o antigo sítio da Lagoa de Santo Antônio (atual Largo da Carioca). Passando antes sobre os velhos arcos, que foram substituídos em 1750, no governo de Gomes Freire, pelos atuais. Em estilo romano estes arcos constituem a mais bela construção, realizada no Rio de Janeiro, no período colonial. O curioso é que os arcos foram edificados como aqueduto e servem hoje de passagem para os bondes que ligam o bairro de Santa Teresa ao centro da cidade.

E foi assim que as águas do rio Carioca, que acabou dando seu nome ao largo, distribuídas por meio de 16 carrancas, tomadas ao chafariz, prestou grandes serviços à população, fornecendo-lhe a água até a segunda década deste século.

Convém lembrar que para Brasil Gerson em *História das ruas do Rio de Janeiro*, 3a. ed., pág 114: "Cariocas fomos (e pela tradição continuamos a ser) porque do rio Carioca era a água que bebíamos".

Não obstante todas as controvérsias com relação à denominação dos que nascem no Rio, se nos afigura interessantíssima uma das lendas, das mais encantadoras, vinda de tempos pré-cabralianos. Segundo Sebastião Rocha Pita em sua *História da América Portuguesa*, os tamoios conservavam, entre eles, uma velha crença com relação ao rio Carioca. Diziam que suas águas cristalinas possuíam qualidades sobrenaturais, ou melhor, tinham a virtude de proporcionar, aos que dela faziam uso, vozes belas e afinadas. E, ainda, que aformozeavam as mulheres que com elas se banhavam.

Vemos, assim, não constituir nenhuma novidade o dizer-se que as mulheres cariocas têm graça e beleza. Apesar de já ninguém poder fazer uso das águas do rio Carioca, que o progresso fez quase desaparecer, tanto pelo desmatamento como pela tomada do seu espaço. Hoje o rio Carioca perdeu o seu "status" e suas águas, bastante reduzidas, deságuam num encanamento, na Praia do Flamengo, quase imperceptíveis.

Como remanescente do rio Carioca, ficou todavia a denominação do Largo da Carioca, em que não se pode deixar de mencionar o conjunto arquitetônico, que lhe serve de fundo e constitui um dos mais belos dos edificados no período colonial. Formado pelo Convento e igrejas de Santo Antônio e São Francisco da Penitência estão muito ligados à vida do povo carioca. Principalmente pelo nicho de Santo Antônio, que permanece encastado na fachada do Convento, emprestando ao velho Largo de Santo Antônio um encanto muito especial. O Santo do oratório continua colocado na parte externa, ao sereno, por isso é chamado de "Santo Antônio do Relento".

Sua presença evoca-nos um episódio muito expressivo e decisivo na vida desta cidade, ocorrido em 1710, quando da invasão francesa. Duclerc e seus homens, à traição, invadiram o Rio de Janeiro. Seus habitantes encontravam-se em grande perigo e, por que não dizer, já em desespero de causa, quando se lembraram de apelar para o soldado honorário da guarnição da cidade, ou

seja, Santo Antônio.

Por isso retiraram o santo de seu altar e colocaram-no sobre os muros do Convento, para que guiasse e protegesse os que ofereciam resistência ao inimigo invasor, ao inimigo estrangeiro.

Verificou-se então, logo depois, a vitória sobre os franceses, conseguindo a nossa gente encurralar e aprisionar os responsáveis pelo ataque.

Em agradecimento, portanto, Santo Antônio foi logo promovido a Capitão e, pouco mais tarde, a Tenente-Coronel, recebendo o soldo de sua patente até a proclamação da República.

E foi assim que se tratou, imediatamente após a vitória sobre os franceses, de erigir um oratório colocado no frontispício do Convento, para entronizar o Santo. O oratório passou, então, a ser iluminado todas as tardes, ao anoitecer.

É uma encantadora tradição, que permanece até hoje, embora despercebida pela grande maioria dos habitantes da cidade, na sua vida de intenso dinamismo urbanístico. Não obstante é um dos raros testemunhos dos velhos tempos coloniais, quando o Rio de Janeiro ainda despertava a cobiça dos estrangeiros.

Santo Antônio, embora tenha perdido o seu soldo de Tenente-Coronel, nunca deixou de ser prestigiado pelo povo carioca. É bastante que se procure visitar sua igreja, às terças-feiras, para se constatar o número sempre crescente de devotos que o procuram. No Rio, as moças casadoiras lhe atribuem o poder de arranjar maridos. São em grande número as que escrevendo os pedidos em tiras de papéis, procuram colocá-los nos altares em que se encontra Santo Antônio.

É preciso observar que no dia consagrado a Santo Antônio, 13 de junho, faz-se lhe todos os anos uma grande festa. Realizada em pleno centro urbano guarda, porém, muitos traços que sobrevivem de outras épocas, como sejam, barracas guarnecidas de galhos de palmeiras e bandeirolas, enfeitando o adro da igreja. Nessas barracas são vendidos doces típicos, os mais variados, guloseimas, objetos artesanais de papel, madeira, couro, etc. Fazem-se nas barracas também leilões das mais variadas prendas, apregoam-se os mais diversificados objetos, até mesmo, as chamadas "respostas" de Santo Antônio, que muitas vezes são acompanhados pelo pãozinho de Santo Antônio (para que nunca falte o pão à mesa).

Tudo é feito com muito amor e dedicação pelas senhoras da nossa sociedade, e toda a renda conseguida é aplicada em benefício dos pobres da cidade, que no dia da festa dirigem-se para a igreja de Santo Antônio em número muito elevado.

No dia da festa de Santo Antônio, o adro da igreja transforma-se num verdadeiro arraial, que o decorrer do tempo não consegue desfazer e onde predomina ainda um ambiente de singeleza, encanto e poesia.

ARTESANATO EM MADEIRA

Prof. Vicente Salles

O Brasil tem na madeira, rica manifestação de sua cultura material.

Elementos culturais europeus e africanos transplantados se somam aos dos nativos, ampliando e diversificando as aplicações dessa matéria-prima fundamental à vida e ao bem-estar dos indivíduos.

O universo artesanal e artístico derivado da madeira é amplo e diversificado: do vegetal tudo se aproveita e aplica-se a tudo. Difícil é levantarmos todas as suas utilidades, mas alguns itens alcançam notoriedade nas artes e técnicas populares: utensílios domésticos, arquitetura, esculturas e entalhes, xilogravuras, instrumentos de trabalho, musicais, meios de transportes, etc.

Destacam-se no uso caseiro rural o pilão e a gamela. Pilão, espécie de almofariz, de madeira rija com uma ou duas bocas, apresenta-se de tamanhos variados, pequenos para pilar temperos, grandes para triturar cereais. Temos notícias de já ter sido usado pelos índios com o nome de *indúá*. A gamela, em forma de alguidar, além de servir como bacia, é utilizada para dar de comer aos animais.

A linha de produção dos artefatos de madeira se diversifica de acordo com as necessidades locais. Na área da cana-de-açúcar, engenhocas e moendas são construídas inteiramente de madeira. Deste material também se fazem teares, brinquedos e implementos agrícolas.

Violinos, rabecas, violas: nos centros de luteria popular do Brasil preservam-se ainda os modelos tradicionais, como os *cochos* de Mato Grosso, espécie de viola de cinco cordas usada pelos sertanejos cuiabanos, ou arcaicos como as *rabecas* nordestinas.

No amplo capítulo das artes populares, o homem do povo utiliza a madeira quer isoladamente, quer em combinação com outros materiais, talhando e esculpindo: multiplicam-se os motivos e as intenções.

O antigo ofício de santeiro continua vivo principalmente nas proximidades dos santuários milagrosos. Do mesmo modo há representação do Padre Cícero. Na madeira, ficou famosa a representação do Padrinho dada pelo escultor Mestre Nosa, do Juazeiro do Norte. A manufatura de santos e encantados da umbanda, candomblé, batuque e xangôs expande-se igualmente em madeira como em outros materiais como cerâmica e ferro.

Um dos maiores e transcendentais acervos da escultura popular em madeira é representado pelos ex-votos, que chamam milagres e que se destinam

às salas de milagres das igrejas do sertão ou aos oratórios e cruzeiros.

Significativa mostra da escultura em madeira é dada por alguns dos mais representativos artistas brasileiros: Benedito e Nô Caboclo (Recife-Pernambuco); Dezinho de Valença (Teresina-Piauí); Geraldo Telesa de Oliveira, G.T.O. (Itapecerica-Minas Gerais); Boaventura da Silva. Louco (Cachoeira-Bahia).

Embarcações de madeira, desde as simples pirogas e igarités, até os grandes saveiros (Bahia) e vigilengas (Pará), passando pelas veleiras e rústicas jangadas do litoral nordestino, usados em pescarias desde a época colonial, demonstram a larga aplicação de madeira, em todo o Brasil, em objetos utilitários. Notáveis são as cabeças de proa, ou carrancas, das barcas do rio São Francisco, proas esculpidas em madeira, antropomórficas ou zoomórficas, cuja semelhança com as figuras de proa das barcas do Congo e Guiné indicaram aos estudiosos os prováveis caminhos da tradição, possivelmente recebida do Egito.

Na madeira, desenvolveu-se também no Brasil, junto de rústicas impressoras de folhetos de cordel, a arte da xilogravura, geralmente tida como uma das maiores expressões de arte do país.



OLÍMPIA EM TEMPO DE FESTIVAL

José Sant'anna

Situada no Brasil paulista, no Vale do Rio Turvo, Olímpia não destaca entre as grandezas do nosso país apenas pelas suas gigantescas festas, mas se distingue, ao mesmo tempo, pelos prodígios de uma região feracíssima, promissora e a capacidade de trabalho dos denodados plantadores, no rude combate com a terra.

Este pedaço de chão paulista é obra de esplendor das cidades e povoados onde moureja ativa e encorajada a população urbana nos espigões que estendem margeados pelo Turvo até às barrancas do Rio Grande, onde vive o heróico semeador na luta pela produção da terra.

No traçado das paralelas dos verdes cafeeiros, na beleza do solo matizado pelos penachos dourados dos arrozais, pelos brancos capuchos dos algodais ou pelo manto chamalotado das extensas paisagens, fonte da nossa riqueza pecuária, está vivo o esforço de nossa gente laboriosa, presa à gleba pelo amor ao trabalho. São pessoas desassombradas, sem as peias do fatalismo criminoso que manieta as almas, como combatentes de corações abrasados de fé, de ardor cívico.

E neste espírito, em Olímpia, não são conhecidos os tumultos e revoltas, atentados que marcam o sinal dos tempos, de revoltas contra a ordem, a disciplina e mesmo o desamor à Pátria, que não é apenas um símbolo, mas uma realidade viva, um sentimento nobre que eleva e dignifica uma nação civilizada.

Tudo em Olímpia é um exemplo vivo de paz e felicidade. E é-nos grato falar que o Folclore e o seu Festival alicerçam a vida pacífica dos habitantes da terra.

A defesa do nosso folclore, amparada pelos nossos administradores, no estímulo ao elemento folc, faz de nossa Olímpia um centro de importância para a pesquisa e estudo da cultura popular.

Falar do folclore em Olímpia, é perpetuar pleonasmos; pois este pedaço do Brasil, em agosto — MÊS DO FOLCLORE — se transforma em Palco Nacional onde se congregam grupos folclóricos de todas as regiões do país.

Não falemos da beleza do folclore: de suas músicas, cores, movimentos, dolências, ânimos e agitações, risos, aplausos e até lágrimas...

O folclore é tão rico e tão variado; tão variado e tão rico que chega, às vezes, à dificuldade de descrição.

Conhecê-lo é tão importante para a Nação como a religião é para a alma.

PRESEPIO

O vocábulo vem do latim – Praeseptum – que significa manjedoura.

Não nos foi possível precisar a época em que pela primeira vez se reconstituiu a cena da Natividade. Há notícias de que, “num sarcófago do ano 343, conservado no Museu de Laterona, está Jesus num berço, sobre palhas, tendo, ao lado, um asno e um boi”.

Será essa a primeira representação realística do Nascimento? Os primeiros cristãos, do ano 60 ao 315, fugindo ao escárnio dos seus perseguidores, quantas vezes teriam exteriorizado sua fé reconstituindo, no silêncio das Catacumbas, o episódio do Natal?

Os fatos religiosos ou profanos ligados ao Natal, mesmo os situados no campo da História, chegam até nós apresentando variantes, mesmo porque têm a contribuição da tradição oral.

Não se acha fixado o ano em que o “poverello” de Assis teria preparado o primeiro presépio: 1221, 1223 e 1224, são apontados. O certo é que o fato, se verificado, teve ação no século XIII, quando viveu o santo homem. A respeito do assunto, preferimos transcrever um capítulo do primoroso conto de Eugene Field:

“Nos primeiros dias de dezembro de 1221, Francisco de Assis foi a Roma, em visita ao Cardeal Ugolino, grande protetor de sua comunidade. O inverno estava rigoroso naquele ano e Francisco pemoitou, em companhia de seu discípulo Frei Ângelo, atendendo a convite que lhe fizera o Cardeal. Pela madrugada despediu-se e seguiu o caminho de Reiti. Finalmente o vértice nevoso do Terminille ficou à vista e os dois viandantes chegaram ao pequeno cenóbio Fronte Colombo. A primeira noite Francisco passou inteiramente insone. A felicidade de encontrar-se novamente entre seus companheiros, que lhe fizeram viver horas de mística beatitude, foi tanta que, ele retomando uma idéia que lhe nascera durante uma viagem aos lugares santos da Palestina, pensou em reviver com uma simbólica cerimônia as cenas da Natividade.

Quando se fez dia, chamou um homem de nome Giovanni, seu amigo e benfeitor da Ordem e disse-lhe: “Se concordares, quero celebrar a noite de Natal contigo, desta vez de maneira realmente poética. Entre os teus bosques escolhe um local ou melhor ainda, uma gruta, se existir, e ali coloca uma manjedoura com um pouco de palha, um boi, um asno, em suma, tudo o que for necessário para representar, ao vivo, a cena do Nascimento de Jesus”.

Suas instruções foram rigorosamente obedecidas. Na noite da véspera de Natal, os pastores e os camponeses da zona, em grupos, seguiram os caminhos que conduziam a Greccio, onde tinha sido preparada a Gruta.

Centenas de tochas pontilhavam a montanha, em cujos vales se perdia o eco de alegres cantos.

E Francisco, vendo aquele espetáculo maravilhoso, tinha os olhos molhados de pranto”.

Quando voltou a Assisi, sua cidade Natal, Francisco prometera a si mesmo, enquanto habitasse a Terra, reproduzir a cena do Nascimento do seu amado Jesus, de quem herdara a virtude de ser bom. E assim o fez. Um ano depois, próximo à Igreja da Porciúncula, em Assisi, um estábulo encerrava, ao vivo, o famoso presépio, onde dizem que Jesus Menino apareceu ao monge, unindo, dessa forma, para sempre, seu nome à cena da manjedoura.

O acontecimento do Gréccio, de que Francisco foi protagonista, repercutiu em toda a Europa, que passou a imitá-lo, com a reconstituição da Natividade, que assim tornou, o centro das celebrações nos tempos da Igreja Católica Apostólica Romana.

O uso popularizou-se na segunda metade do século XV e o gosto do povo, em seu processo dinâmico, foi ao máximo no século XVIII.

A Itália possui os mais famosos e maiores presépios do mundo.

Neste século, embora confundido com tantos costumes, na maioria nórdicos, de cultos pagãos adotados pela “Cristianização dos Costumes”, determinada no século IV, os presépios voltaram à baila, todavia, sem a simplicidade poética de outrora, embora tenhamos de admitir que a “armação” dos presépios sofre influência das predileções ambientais, e do Folclore de cada região.

NOTA: O presente texto, nos foi enviado pela folclorista Maria Brígido, da Comissão Paraense de Folclore.

DOCUMENTÁRIO: O IDEAL DE UMA MESTRA

Sônia Maria Copp da Costa, professora da Escola Básica Professora Claurinice Vieira Caldeira, em São Francisco do Sul, e Colégio Estadual Almirante Boiteux, em Araquari, correspondendo-se com o Presidente da Comissão de Folclore, enviou-lhe uma carta, que pela grandeza do seu conteúdo, mereceu a distinção de ser publicada.

A sua carta simples e espontânea, diz muito do seu amor e dedicação à nossa cultura popular.

A característica principal de sua missiva é enaltecer o trabalho de suas colegas, quando afirma: "Também conta o Colégio com uma professora de Educação Física que vem todos os dias de Joinville para trabalhar mesmo. Além disso há uma equipe de cinco professores que gostam também de cooperar e trabalhar neste sentido".

— Que bom seria, digo eu, se outras unidades da rede escolar de Santa Catarina seguissem o exemplo de vocês.

A você professora Sônia Maria, a nossa admiração.

Doralécio Soares

São Francisco do Sul, 23 de junho de 1980

Professora Doralécio,

Quanto tempo! Que saudades! A gente, às vezes, torna-se quase escrava da profissão que exerce, esquecendo-se de si própria e não achando tempo para os amigos. Hoje faz dois meses que recebi sua última cartinha. Que vergonha!

Creio que o senhor entende, não é mesmo?

Por necessidade e também por gostar de dar aulas, estou agora trabalhando em dois períodos.

Mas, o objetivo desta é contar-lhe coisas boas e importantes. No Colégio Estadual Almirante Boiteux no município de Araquari, onde

leiono à tarde, organizamos uma Festa Junina em benefício do Colégio, no Pavilhão de Festas da Paróquia. Tal Festa aconteceu no dia 21 de junho, portanto, sábado último, com diversas atrações.

Imagine qual atração mais a atenção do pessoal que lá compareceu (apesar da chuva, que prejudicou um pouco o movimento) durante a Festa?

O Bon-de-Mamão apresentado e feito pelo aluno da 6ª série azul cuja regente é a professora de Educ. Artística, Sr. Silete, esposa do Diretor Geral, Sr. Jaime Osni Rotermeil. A criançada vibrou à tarde e todo o pessoal também que veio à noite.

Foram também apresentadas: a dança da Quadrilha, Rejinho, Cocadinha, Calça Larga, Sincio e Sincio e outros, num total de oito danças típicas para Festa Junina e Folclórica. Mas a atração maior foi o Bon-de-Mamão, por isso o Diretor Geral, prometeu ajudar a moçada para aperfeiçoá-lo para a Festa Junina do ano que vem (se Deus quiser).

Fiquei contente, ao ver de perto e trabalhar junto a uma Comunidade, onde a própria juventude tem iniciativa e conta com a escola para seus folguedos populares. Também conta o Colégio com uma professora de Educ. Física que vem todos os dias de Joinville para trabalhar mesmo. Além disso, há uma equipe de cinco professores que gostam também de cooperar e trabalhar neste sentido.

É pensamento do Diretor, tornar esta Festa Junina uma tradição para o Município, melhorando o aspecto cultural e folclórico das atrações apresentadas pelo aluno. Ele também é formado em Ed. Física, daí seu interesse maior em atingir seus objetivos.

Professor, estas eram as coisas boas e importantes que eu quis lhe contar nesta carta. Creio ser do seu interesse, saber estas manifestações, muito mais quando elas partem dessa mocada, que mesmo sendo pequena, quer alguma coisa e gosta de preservar o que é nosso. Eu os parabeneizei e vi-lheraram satisfeitos e os aplausos que receberam.

Foi um Boi-de-Mamão simples, confeccionado pelos próprios alunos, mas que mereceu minha atenção.

A Marieta, por exemplo, foi de uma imaginação incrível, com material simples e barato, fizeram-na que foi um amor. Lamento que não tenha sido fotografado o evento para enviar ao senhor algumas coisas.

Professor, estamos desde já pesquisando o que apresentar na "Farda do Folclore" este ano, aqui em São Francisco. Leciono no período da manhã na E. B. Prof. Claurimice Vieira Caldeira, para 5^a a 8^a série e pretendo fazer no ^{último} mês de agosto, um trabalho intenso sobre Folclore e todas as séries de acordo com o nível da turma para expor no mural da Escola, na semana do Folclore, cujo dia é 22 de agosto.

Dai, então, partirei para a busca do Vilão quase desaparecido. Vai ser uma luta, vou tentar.

Até breve se Deus quiser

Muito abraço da

Sônia Infância



CÂMARA MUNICIPAL DE OLÍMPIA

ESTADO DE SÃO PAULO

Dr. José Sant'anna
VEREADOR

REQUERIMENTO Nº 321/79

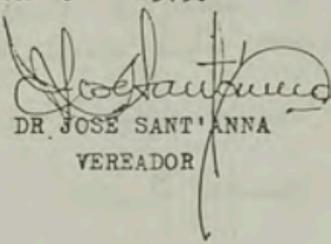
APROVADO

Senhor Presidente :

Considerando que o Prof. Doralécio Soares, residente no Estado de Santa Catarina, vem elaborando e publicando um excelente trabalho sobre o folclore catarinense, o qual, a par da importância que representa para o folclore a nível nacional, ainda serve de estímulo e de roteiro para outras iniciativas do gênero;

REQUEIRO, na forma regimental, que seja inserido na ata dos trabalhos, o voto de congratulações da Edilidade olimpiense pelas referidas publicações, dando-se, deste ato, conhecimento ao homenageado, Prof. Doralécio Soares.

Sala das Sessões Professora Dona Oscarlina de Toledo Bonilha, em Ol de outubro de 1979.


DR. JOSÉ SANT'ANNA
VEREADOR

É INAUGURADO O MUSEU DE ORLEANS

O Museu ao Ar Livre de Orleans, primeiro da América Latina no gênero, foi inaugurado a 30 de agosto pelo Governador Jorge Bornhausen, Secretário Aloizio Magalhães, da Secretaria do Patrimônio Histórico Nacional e pelo idealizador do projeto, Padre João Dall'Alba. No seu discurso o Governador sintetizou a obra: "Quem sonha, cria. Quem cria, ajuda. E quem ajuda, imana. O Padre João sonhou, vendeu sua criatividade e pode construir algo para sua comunidade".

A solenidade de inauguração iniciou com uma missa, da qual participaram cerca de 300 pessoas. Logo após, as autoridades foram levadas para conhecer as peças do museu: moinho movido a máquinas hidráulicas, moinho, serraria (que utiliza força da roda d'água), engenho de cana, olaria, engenho de farinha, marcenaria e oficinas domésticas. No engenho de cana, Altino Benedet, o construtor das peças, produziu um pouco de garapa especialmente para as autoridades presentes.

O padre João, ao anunciar a conclusão da primeira etapa do museu, afirmou que "a função primordial é manter viva a tecnologia rústica empregada pelos colonizadores da região e no processo de construção procurou-se respeitar as técnicas construtivas tradicionais do século passado". Segundo ele, "se por um lado o museu, do ponto de vista econômico, não teria muita viabilidade, do ponto de vista de economia de subsistência para a comunidade existe bastante lógica, pois no interior, ainda se usam essas máquinas".

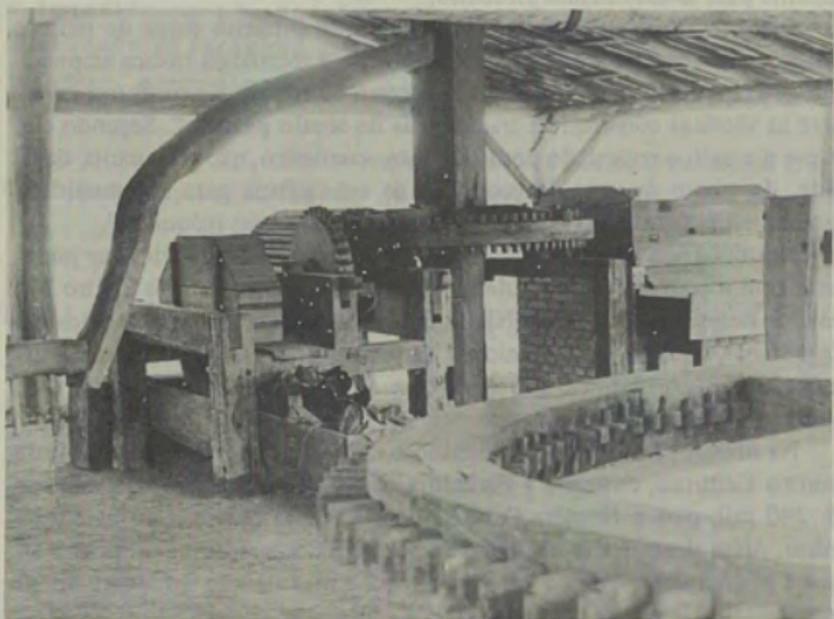
Nos discursos foram ressaltadas e engrandecidas as entidades que juntamente com a comunidade de Orleans concretizaram o projeto: o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), hoje incorporado à Fundação Nacional Pró-Memória, a Prefeitura Municipal de Orleans, a Fundação Educacional Barriga-Verde e o Instituto São José, com recursos do Banco do Brasil e da Fundação Catarinense de Cultura.

Na ocasião, o Ministério da Educação e Cultura, através da Secretaria de Assuntos Culturais, entregou à Prefeitura de Orleans um cheque no valor de Cr\$ 240 mil, para a Semana Cultural do Município que se realizará em setembro. Além disso, todos os órgãos do MEC ligados a assuntos culturais e artísticos se comprometeram a dar verbas para a manutenção do Museu ao Ar Livre.

Os festejos preparados para o museu foram os mais variados. Uma das



A água é a energia mais usada no Museu ao Ar Livre de Orleans.



A primeira produção do museu: garapa feita como na época da colonização.

atrações foi o grupo de cantores de Blumenau, o "Camerata Vocale", que apresentou canções típicas italianas e polonesas, enquanto passeavam junto com as autoridades entre as casas do Museu. Vários grupos de jovens apresentavam bailados típicos também italianos, poloneses e portugueses. Uma família de poloneses, com cerca de 10 pessoas, cantou uma antiga canção polonesa, tradição trazida pelos imigrantes.

O almoço oferecido para centenas de pessoas foi no Centro de Vivência, espécie de galpão que era construído no século passado para a comunidade jogar, dançar, vender prendas e outras atividades. Lá novamente os grupos se apresentaram durante todo o almoço enquanto mulheres vestidas a caráter (italianas) serviam vinho e comida italianas.

Dele participaram ainda várias autoridades, apesar de o Governador Jorge Bomhusen ter se retirado antes do almoço. Estavam presentes o Secretário de Cultura, Esporte e Turismo, Júlio Cesar; o Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, Emani Bayer; o secretário da Sphan, Aloizio Magalhães, entre outros.

No final da confraternização uma atitude típica italiana: foram chamadas ao salão de almoço todas as cozinheiras — em torno de 20 mulheres da comunidade de Orleans — para serem aplaudidas pelos convidados. Enquanto isso, servia-se polenta e o "Camerata Vocale" cantava a música "Bela Polenta".

Aloizio Magalhães, também representando a Pró-Memória, afirmou que o Sphan "deverá continuar a incrementação do Museu ao Ar Livre, dando o máximo de apoio. "Ao falar sobre os próximos passos da Sphan com relação a outros locais históricos de Santa Catarina, Aloizio afirmou que já há muito interesse em se procurar recursos e proteção para a cidade de Laguna pois "ela é uma das mais belas, em termos culturais e históricos".

Esse trabalho, segundo ele, deverá ser feito pelo Patrimônio Histórico (de cada Estado), que deverá em breve tempo ter uma sede em Santa Catarina, e acrescentou: Todos os outros Estados".

Transcrito de "O Estado" — 31-08-80

O GRUPO FOLCLÓRICO GERMÂNICO BÖHNERWALD E BANDA TREML DE SÃO BENTO DO SUL, EM FLORIANÓPOLIS

O Grupo Folclórico Böhnerwald e a Banda Treml abrilhantaram com suas músicas e danças folclóricas o jantar típico de comidas alemães promovido pelo Clube 12 de Agosto na noite de 19 de setembro.

São Bento do Sul é um dos municípios catarinenses que tem se destacado através de sua participação cultural na música e no folclore.

A cultura musical é uma das mais desenvolvidas na comunidade, tendo na Banda Treml, com seus 67 anos de existência, o destaque musical do município.

Composta por vinte e sete elementos se apresenta regularmente em retretas públicas nos meses de janeiro e fevereiro, se apresentando ainda em outros municípios do Estado, bem como em promoções no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Paraná e noutros Estados. Tem como maestro Mathias Herzel e contramestre Alfredo Grossl. Os demais componentes são: Ayrton Kaminsky – Flautin; Haroldo Rank – Requinta; Alexandre Treml, Lauro M. Muhlbauser e Aldo O. Denck – Clarinetas; Alfredo Grossl e Evaldo Pscheidt – Pistões; Erhardt Weiss – Sax-tenor; Ehrenfredo Knop – Bombardino; Theodoro Sanocki e Ivo Kollross — Baixos; Valdomiro Tascheck e João Kolbross – Sax-horn; Otto Roesler Filho e Herbert Fendrich – Bombardino acomp. Marcos José Grossl e Antônio Marcos Knop – Trombones; Haroldo Bollmann – Bumbo; Fredolim Glatz – Caixa; e Ivo Grossl – Pratos.

Dada a avançada idade de 76 anos de Hugo Weiss – Bombardino, um dos fundadores da Banda, músico desde os 10 anos de idade, não tivemos a satisfação de tê-lo presente.

A apresentação da Banda Treml foi das mais destacadas, com suas músicas de origem alemã e músicas de autores brasileiros. Nas músicas alemãs, destacamos: Polcas, Valsas, Marchas, Reilander – tipo xote, de autores europeus. A Prefeitura – (P.E.C.), mantém uma Escola de Música com mais de 150 alunos, onde são ensinados todos os tipos de instrumentos, até o piano. Tem ainda a Banda Mirim composta por 35 jovens, Orquestra Juvenil de Cordas e a Orquestra Municipal de Espetáculos.

São Bento do Sul, fundado a 23 de setembro de 1873, por 70 imigran-



BANDA TREML



GRUPO FOLCLÓRICO BÖHNERWALD

tes austro-bávaros e teuto-poloneses, pela própria formação desses imigrantes, sempre esteve no campo cultural, num plano acima da média dentre os municípios catarinenses. A grande inclinação pela arte musical, permitiu a que o município desde a sua fundação, tivesse autênticos grupos musicais de tendência germânica. Mas, não apenas a formação cultural de sua gente exigia a presença de tais grupos, como também a formação de um autêntico Grupo Folclórico Germânico.

GRUPO FOLCLÓRICO BÖHNERWALD

Assim é que, por iniciativa da Sra. Rose Marie Scharf, várias pessoas foram convidadas a tomar parte de uma assembléia, visando à fundação de um grupo para difusão das tradicionais danças folclóricas germânicas.

Há que se resaltar, que antes mesmo da 1.ª assembléia, foram mantidos contatos com o Grupo Folclórico da Sociedade Rio Branco de Curitiba, que forneceram todos os detalhes para iniciação dos primeiros ensaios de danças.

No dia 03 de dezembro de 1977, reuniam-se no Centro Social da Igreja Puríssimo Coração de Maria: Roberto (Rose Marie) Scharf, Norberto (Reny) Lobermeier, Arnordo (Norma Théa) Harms, Walter (Mônica) Malewschik, Mario Weiher Mann (Daisy Elisa Beckert), Edison (Edaly Lizete) Liebl e Marcos Malewschik. Contando com a presença de alguns elementos do Grupo Folclórico da Sociedade Rio Branco, foi realizado o primeiro ensaio, antecedido pela assembléia que de comum acordo decidiu adotar o nome de Grupo Folclórico Germânico Böhmerwald.

Os primeiros ensaios, foram realizados com músicas tocadas com Acordeão, posteriormente, por iniciativa de Marcos Malewschik, sendo criada uma Bandinha típica para acompanhamento ao corpo de dançarinos. Atualmente o Grupo Folclórico Germânico Böhmerwald, filiado à Sociedade Ginástica e Desportiva São Bento, é presidido por Alvacir Morais, vice-presidente Afonso Rank e Coordenador Walter Malewschik. O corpo de dançarinos é formado por: Roberto (Rose Marie) Scharf, Walter (Mônica) Malewschik, Alvacir (Neusa) Morais, Afonso (Mirna) Rank, Nilo Schölge e Roseli Meros, Orlando (Alminda) Ramalho, Valverdi (Bernadete Müller) Roberti, Norberto (Reny) Lobermeier e Genésio Kotovicz (Elenice Beckert).

A Bandinha, que acompanha o Grupo é formada por: José Sluminsky (regente), Marcos Malewschik (arranjador e acordeonista), Roberto Koch e Sérgio Stein (saxofone), Rubens Buchinger, Márcio Rank, Charles Tascheck (pistões), Dilmar Tascheck (baixo), Heinz Pienink (percussão) e Pedro Braier (Sax-tenor).

Na primeira parte da apresentação, tivemos:

LICHTENSEINER POLKA – (prefixo).

- 1 – **FROLICHE JUGEND** – “Juventude Alegre” – Dança típica que teve sua origem na França através da Suíça. Muito apresentada na Alemanha.

- 2 – **KLAPPTANZ** – “Dança das Palmas” – Dança originária, provavelmente da Alemanha Central, muito antiga que é caracterizada principalmente pelas Palmas.
- 3 – **DER FAMILIEN WALZER** – “A Valsa das Famílias” – Dança típica alemã que pode ser dançada por um grande número de pares.
- 4 – **SIEBENSCHRITT** – “Dança dos Sete Passos” – É provavelmente uma das danças mais populares de toda a Alemanha.
- 5 – **ZEPPELTANZ** – “A Dança do Zé” – Dança alegre e muito movimentada, característica da zona Sul da Alemanha (Baviera).
- 6 – **SCHNUPFTABACK POLKA** – “A Polca de Rapé” – Uma dança que alude aos costumes do século XVII e XVIII, ou seja, o hábito do rapé. É uma dança proveniente da Finlândia. Folclore humorístico.

MUSS I DENN (sufixo)

A segunda parte constou:

BARRIL DE CHOPP (prefixo)

- 1 – **RUTSCH HI, RUTSCH HER** – “Um passo cá, um passo lá” – Dança típica que teve sua origem no Böhmerwald, onde é bastante conhecida.
- 2 – **TRAMPOLKA** – Dança típica alemã que se caracteriza principalmente pela batida dos pés.
- 3 – **ZUM TANZEN GEHT DAS MADEL** – “Uma donzela vai à dança” – Dança típica proveniente da Suábia, zona da Floresta Negra.
- 4 – **KIERBUSCH** – “Espreitando” – Dança muito antiga, bastante conhecida em toda Alemanha.
- 5 – **WATZEN BORNER** – Dança típica da Região do Böhmerwald, música folclórica bastante conhecida em toda Alemanha.
- 6 – **GRETCHEN** – “Margaridinha” – Dança típica do Sul da Alemanha, fazendo talvez alusão à **GRETCHEN** de **GOETHE** (Grete), figura e protótipo da moça germânica.
- 7 – **MEINE OMA** – “Minha Vovozinha” – Dança popular e muito alegre, que demonstra como se dançava no século passado.

TIROLER HOLZHACKER BUAB'N (sufixo)

Como apresentador dos números, tivemos o Sr. Gildo Zipperer.

Muito embora seja um grupo de “promoção folclórica”, são perfeitamente válidas essas apresentações, cujos componentes têm suas raízes culturais nos seus antepassados, que para Santa Catarina vieram, no século XIX.

Este Boletim registra prazerosamente o acontecimento.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL

SISTEMA DE BIBLIOTECAS
PÚBLICAS DE SANTA CATARINA

DIA 22
DE AGOSTO
DIA DO
FOLCLORE



● *VIVA NOSSAS TRADIÇÕES,
CONHEÇA O FOLCLORE DA
NOSSA TERRA!*

● *FOLCLORE É CULTURA!*

● *COSTUMES, CRENÇAS,
TRADIÇÕES
TUDO ISTO É FOLCLORE!*

ENDEREÇO:

HORÁRIO:

SISTEMA DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE SANTA CATARINA

Biblioteca Pública do Estado
Setor de Santa Catarina

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE SANTA CATARINA – FESC
UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO
DE SANTA CATARINA

A (o) Responsável pela
Biblioteca Pública Municipal

Florianópolis, 28 de julho de 1980.

Prezado (a) colega,

A próxima data a ser comemorada pelas Bibliotecas Públicas Municipais, pertencentes ao S.B.P.S.C., será:

22 de agosto, Dia do Folclore.

Enfatiza-se especialmente o folclore nacional e estadual, esperando-se naturalmente, que cada biblioteca ressalte aspectos do folclore local ou regional.

Por folclore entenda-se “costumes tradicionais, crenças, superstições, cantos, festas, indumentárias, lendas, artes, etc., conservados no seio de um povo”.*

A sistemática de trabalho obedecerá aos passos de nossas promoções anteriores, devendo ser considerados como sugestões aplicáveis no todo ou em parte, de acordo com as possibilidades de cada município.

Esclarecemos também, como nas outras datas, que deixamos inteira liberdade para que as bibliotecas organizem outras atividades e/ou promoções que atinjam os mesmos objetivos, ou seja, divulgar suas coleções e atrair leitores.

Os passos a seguir são nossas sugestões para explorar o Dia do Folclore:

– levantar dentro da coleção obras que tratem especificamente ou estejam relacionadas com os seguintes assuntos:

- | | |
|-------------------------|---|
| . costumes tradicionais | . festas típicas |
| . crenças | . indumentárias (vestimentas/
trajes típicos) |
| . superstições | . lendas |
| . culinária | . artes populares: pintura, escultura, cerâmica,
trabalhos de artesanato em geral. |
| . cantos | |
| . danças | |

– expor o material bibliográfico existente sobre o(s) assunto(s), dentro ou fora da biblioteca, através de vitrines, mostruários, estantes, expositores, etc;

– promoção de atividades sobre folclore, através de concursos, literários e/ou

*DICIONÁRIO brasileiro da língua portuguesa. Mirador, 1973.

gráficos (cartazes), gincanas, maratonas culturais, palestras, etc.;

- promoção de pequenos cursos ou demonstração sobre artesanato, utilizando artesãos locais, em conjunto com outros órgãos da Prefeitura Municipal ou outras entidades como clubes, associações, etc. Por exemplo, se existir no município alguma comida típica, conseguir alguém que ensine como fazê-la. Melhor ainda, se for possível o patrocínio, como de um armazém, empório ou supermercado para a elaboração e distribuição à comunidade de uma pequena "prova" da referida comida.

Outra forma seria a chamada através de pessoas capazes de realizar algum tipo de trabalho artesanal como tricô, crochê, cerâmica, pintura, etc. convocando-as para expor seu trabalho ao mesmo tempo que o realiza, colocando-se à disposição do público para responder e/ou ensinar.

Este tipo de promoção poderia chamar-se "Artesãos em atividade" ou "Artistas trabalhando", "Aprenda e faça", etc.

Estas atividades podem ser realizadas dentro ou fora da biblioteca, dependendo das condições de acomodação de cada localidade.

Ressaltamos a importância de relacionar estas atividades com o material bibliográfico existente na biblioteca, não devendo nunca serem o fim em si mesmas, mas conduzirem leitores aos livros sobre o(s) assunto(s).

- apresentação de canto ou danças tradicionais, associando-se a outras entidades ou órgãos, dentro ou fora da biblioteca;
- exposição de artesanato típico, vestimentas características, instrumentos musicais, de trabalho, etc. dentro ou fora da biblioteca;
- distribuição de bibliografias à comunidade em geral;
- divulgar as atividades e/ou promoções a serem desenvolvidas pela biblioteca através dos meios de comunicação de massa (rádio, jornal, TV);
- divulgar o material fornecido pelo S.B.P.S.C. (cartazes) em locais de grande afluência de público como Estação Rodoviária, Correios e Telégrafos, Posto de Saúde, Prefeitura Municipal, Forum, Escolas da rede oficial ou particulares, empresas comerciais, etc.

Além do material de divulgação estamos remetendo, em anexo, três números do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, doados pela mesma às Bibliotecas pertencentes ao S.B.P.S.C.

Esperando que todos alcancem sucesso com esta promoção enviamos nossas

Cordiais Saudações

Mitsi Westphal Taylor
Coordenadora do S.B.P.S.C.

Maria Helena B. Maia
Serviço de Assistência para
Divulgação das Bibliotecas

Obs.: Sugerimos que o material distribuído no 2o. Encontro de Responsáveis por Bibliotecas Públicas Municipais, Mapa Cultural, v. 1 e 2, seja utilizado como fonte de referência.

DEPUTADO FEDERAL FALA SOBRE FOLCLORE

*(Pronunciamento feito pelo Deputado PEDRO IVO CAMPOS
de Santa Catarina na Sessão de 21/08/1980, na Câmara dos Deputados.)*

Senhor Presidente,
Senhores Deputados:

Consoante o que estabelece o Decreto No. 56.747, de 17 de agosto de 1965, celebra-se, anualmente, a 22 de agosto, o Dia Nacional do Folclore.

A instituição da efeméride, que representa o reconhecimento da importância do folclore na formação cultural do País, visa a estimular, em todo o território nacional, a investigação, os estudos e a sobrevivência das danças, dos folguedos, das artes populares, etc., considerados "elos valiosos da continuidade tradicional" brasileira.

Não obstante ser inerente, a toda e qualquer comunidade humana, a preocupação por preservar os valores que afirmam sua identidade coletiva e a diferenciam das demais comunidades, é de notar-se que, agora, mais do que nunca, o desenvolvimento das atividades culturais endógenas, o estudo, a divulgação e a preservação das tradições, crenças, e costumes populares passaram a constituir uma exigência real dos diversos grupos sociais.

Ninguém mais põe em dúvida, efetivamente, que cada coletividade está implícita ou explicitamente comprometida com alguma forma de afirmação cultural, ao definir sua identidade e construir sua realidade futura e presente.

Dentro dessa perspectiva, o folclore, integrando o amplo quadro do processo cultural, como fundamento vivo da sociedade, ocupa posição de indiscutível relevo, sobretudo nos dias que correm, quando todas as nações reconhecem e valorizam a dimensão cultural do desenvolvimento, vale dizer, quando a ênfase dada anteriormente à concepção de um desenvolvimento baseado exclusivamente no crescimento econômico vem sendo substituída, nos povos civilizados, pela compreensão de que a cultura é componente essencial do desenvolvimento integral dos indivíduos e das comunidades.

Assim, as mutações profundas que caracterizam a evolução acelerada do mundo contemporâneo vêm estimulando a preservação do patrimônio cultural dos povos, integrado por símbolos e signos transmitidos através das artes, da literatura oral das tradições diversas, do artesanato, das crenças, dos mitos, dos folguedos, dos usos e costumes, em suma, das diversas manifestações fol-

clóricas que, no dizer de Câmara Cascudo, representam a “contemporaneidade do milênio, o presente da antigüidade, as formas pretéritas vivas na diuturnidade do exemplo”.

Sob esse enfoque, não creio necessário enfatizar, Senhor Presidente, a necessidade de uma agressiva e coerente política cultural em defesa de nossas tradições e de nossos costumes.

Embora, como se sabe, a primeira pesquisa sistemática de cultura popular date de 1880, com a publicação da obra “Cantos Populares do Brasil”, de Sylvio Romero, o estudo e a divulgação do folclore pelos Poderes Públicos não têm merecido a atenção devida.

A atual Campanha de Defesa do Folclore, órgão que integra a Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), à falta de recursos orçamentários compatíveis com a grandiosidade de sua missão, vem atuando timidamente na área, mostrando-se algumas vezes impossibilitada de promover um vigoroso programa de promoção e incentivo das manifestações folclóricas, apresentando-se outras vezes sem qualquer condição para atenuar ou neutralizar os efeitos de correntes de comunicação provenientes de outras áreas culturais, para evitar a corrupção do artesanato por exigências mercantis, ou mesmo para anular pressões sócio-econômicas sobre modos de expressão folclórica.

O auxílio oficial para o desenvolvimento da cultura popular é, sem dúvida, o melhor meio de defendê-la. Isso implica necessariamente a definição de diretrizes políticas que sejam capazes, por um lado, de produzir efeito multiplicador, e promovam, por outro, a execução de programas destinados a coordenar os esforços dos estudiosos, a incentivar a pesquisa, a estimular a organização de museus, a organizar a publicação de livros, a concretizar projetos setoriais, programas que tenham, enfim, a preocupação básica de proteger o patrimônio folclórico.

Convencido de que o folclore, como reza o texto legal referido, constitui “fator legítimo para o maior conhecimento e a mais ampla divulgação da cultura popular brasileira”, encareço ao Ministério da Educação e Cultura a adoção de uma efetiva política nesse campo, uma política que evite o atual processo de erosão cultural que estamos vivendo, e favoreça a redescoberta e a identificação de heranças sociais genuínas e os traços fundamentais de nossa nacionalidade.

Com esta mensagem de alerta e esperança, permito-me reiterar ao Senhor Ministro Eduardo Portella e demais autoridades vinculadas à matéria o reexame das diretrizes e dos programas que visam à preservação e à divulgação do folclore, base incontestável e insubstituível da cultura popular brasileira.

Era o que tinha a dizer.

Nota: O Deputado Pedro Ivo Campos, quando Deputado Estadual, foi o autor do projeto que deu origem à LEI 4.287, de 7 de abril de 1969, que instituiu o DIA DO FOLCLORE no Estado de Santa Catarina.

Rendeira da Ilha de Santa Catarina no Evento da Feira Internacional de Hannover, na Cidade de Düsseldorf. — Alemanha.

Ana Costa, rendeira da Ilha, de Santa Catarina, integrou o Grupo de sete artesãos brasileiros, que sob os auspícios do Ministério do Trabalho, estiveram presentes no Evento da Feira Internacional de Hannover, na cidade de Düsseldorf, na Alemanha.

A partida do Brasil deu-se pelo DC-10 da VARIG, no dia 10 de abril. No Rio, houve o encontro dos artesãos com destino à Feira, em companhia do coordenador Dr. Carlos José Magalhães de Melo, assessor do Ministério do Trabalho, diretor do PNDAB. (Plano Nacional de Desenvolvimento do Artesanato Brasileiro).

A VARIG decolou às 22,30 h do Galeão, com escala em Madrid, chegando a Frankfurt, aproximadamente após três horas de viagem. De Frankfurt, viajaram a Mens contornando o Rio Reno, numa viagem maravilhosa de



Ana Costa, rendeira catarinense, num dos belos jardins floridos de Düsseldorf.

trem com destino a Düsseldorf, hospedando-se no hotel Wandeikoff. No sábado, visitaram o local onde participaram das demonstrações de arte e artesanato do Brasil.

Os Artesãos

Os artesãos participantes foram: Lia – “pintura em porcelana”, São Paulo. Bié – “escultura em pedra-sabão”, Ouro Preto, MG. Jether – “pintura vertical em painéis”, aspectos folclóricos de Pernambuco. Iolando – “trançados em sisal”, Estado da Paraíba. Poteiro – “escultura em cerâmica”, Estado de Goiás. Cardoso – “ceramista de Marajoara”, Estado do Pará.

Objetivo

O objetivo da participação dos artesãos brasileiros em várias modalidades de artesanato e arte popular, foi levar ao europeu visitante da Feira, a diversificação da cultura popular brasileira, não somente no artesanato folclórico, no caso as rendas de bilros, bem como o artesanato em trançados, cerâmica, pedras, a arte popular em porcelana, painéis, etc., pretendendo também abrir comercialização para esses produtos de uma submão-de-obra farta, mas produtivamente desordenada.

A RENDEIRA

A apresentação da nossa rendeira, deu-se na Loja Karstardt, na cidade de Düsseldorf, onde, numa vitrine, foi instalada com sua almofada, numa execução demonstrativa para o público, mostrando como são feitas as rendas de bilros no Brasil. Não houve contato direto com o público, mas, apesar disso, informou a artesã catarinense, que a afluência de visitantes, durante as duas semanas de trabalho ali realizado, foi elevada.

Hospedagem

Todos ficaram bem instalados no hotel Wandeikoff, durante o período que lá permaneceram, estranhando muito as comidas.

Retorno

Após o encerramento, os artesãos brasileiros estiveram na cidade de Colônia, tendo como guia a artesã paulista que passou a coordenar o grupo: visitando ainda Amsterdan. Despedindo-se da companheira de São Paulo, os demais visitaram Paris e Lisboa, regressando dali a Recife e seus Estados de origem.

A artesã Ana Costa, rendeira catarinense diz que as recordações são inesquecíveis, e quando houver outra, “não esqueçam que já tenho um pouco de experiência”.

Registros Diversos

Festas e promoções folclóricas

1a. UCRE, Florianópolis, NOITE DO FOLCLORE, 21 e 22 de agosto/1980

V FESTIVAL DO FOLCLORE, realização da 7a. UCRE, Lages, integrada por Escolas e Municípios de sua jurisdição. Programa amplo, constante de desfile, palestra, slogans, teatro, danças folclóricas, declamação e exposição de artesanato, roda de chimarrão, pratos típicos, trovas, corais, missa campeira. Dias 22, 23 e 24 de agosto

Museu de Arte de Joinville – QUATRO DAMAS DA ARTE CATARINENSE, outubro, 1980

Fundação Cultural de Curitiba – SEIS GRAVADORAS DO PARANÁ, no Museu de Arte de Joinville, outubro, 1980

O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais – IJNPS, pela Lei No. 6.687, de 17 de setembro de 1979, foi transformado em FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO – FUNDAJ, tendo como Diretor-Presidente o Prof. Fernando de Mello Freyre. Sede: Av. 17 de Agosto, 2187, Casa Forte – Recife – PE.

Exposição FOLCLORE CAPIXABA, em comemoração ao DIA DO FOLCLORE, no Museu de Folclore Edison Carneiro. Rio de Janeiro

1a. Semana do Folclore – 22 a 28 de agosto. Universidade Federal de Mato Grosso. Ampla programação com projeções de filmes, danças, teatro, feira de artesanato, etc.

FESTIVAL DE CULTURA POPULAR – Promoção do SESC Regional de Minas Gerais. Conferência do Prof. Saul Martins. Danças, teatro, folguedos, congadas, Moçambique, etc.

I Encontro Regional dos Corais de Santos, Teatro Municipal BRAS CUBA – Santos, 19 de outubro.

Exposição MAMULENGO, em Comemoração ao Dia da Criança – Museu de Folclore Edison Carneiro – Rio de Janeiro

INSTITUTO NACIONAL DE FOLCLORE

A 16 de maio do corrente ano, em solenidade à Rua Araújo Porto Alegre, 80, na sala do Conselho Curador, foi empossado no cargo de Diretor do Instituto Nacional de Folclore, o Prof. Bráulio do Nascimento, que à frente da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, prestou relevantes serviços ao Folclore nacional.

Prazerosamente registramos o acontecimento.

Paranaense. As inscrições serão gratuitas.

Haverá quatro certames classificatórios obedecendo ao seguinte cronograma: 1a. Classificatória – 18 de outubro; 2a. Classificatória – 25 de outubro; 3a. Classificatória – 01 de novembro; 4a. Classificatória – 08 de novembro; Semifinal – dia 29 de novembro e Final dia 6 de dezembro.

Nas quatro classificatórias serão classificados 10 duplas ou trios, dos quais serão classificados duas duplas ou trios na semifinal, que participarão, juntamente com os classificados nos outros quatro municípios de Santa Catarina, da Final que será realizada dia 06 de dezembro, em Porto União.

Os melhores receberão muitos prêmios, entre eles um contrato com a gravadora Chantecler.

Feira de Itajaí é transferida

A Feira de Arte e Artesanato de Itajaí será transferida para o terceiro domingo do mês e, no caso de mau tempo, permanece no segundo domingo do mês, conforme ficou resolvido na reunião da Prefeitura.

A exposição será realizada em frente a Igreja Matriz, na Praça Irineu Bornhausen, das 8h às 12h.

O objetivo da localização da Feira é atrair a atenção dos frequentadores da missa dominical, com o intuito de despertar no público itajaiense um interesse por parte da arte apresentada.

A Feira será diversificada, com a instalação de sistema de som e tablado para que os artistas ligados à música, teatro e literatura também possam apresentar suas criações.

Outra idéia é referente aos artesãos executarem seus trabalhos durante o transcorrer da feira de maneira que, além das obras prontas, seus frequentadores também possam tomar conhecimento do sistema de trabalho.

A Feira de Artesanato deverá ser realizada dia 14 de setembro, e as inscrições encontram-se abertas na Secretaria de Desenvolvimento Social, na Prefeitura Municipal, até hoje.

Feira de Artesanato iniciará em outubro

Os artesãos de Florianópolis e de outros municípios que estiverem interessados em expor os seus trabalhos nos sábados e domingos na Praça Santos Dumont (Trindade), devem inscrever-se no Núcleo de Atividades Artísticas e Culturais, ao lado da Igrejainha.

Esta promoção é da Universidade Federal de Santa Catarina, com o intuito de preservar e incentivar os trabalhos de artesanato na ilha, e também visa entrar no campo da pesquisa, suscitando as origens dos artesanatos.

Qualquer interessado pode inscrever-se, e também havé shows, peças de teatros infantis e adulto, bem como bandas musicais.

Será permitido, também, venda de selos, moedas antigas e pedras, seguindo o modelo das exposições ao ar livre de São Paulo e Curitiba. No ato da inscrição será fornecida carteirinha aos artesãos, gratuitamente.

Até o momento não existe data estipulada para iniciarem as exposições, porém, a coordenadora do Núcleo de Atividades Artísticas e Culturais, acredita que iniciará a partir de outubro.

(jornal O Estado – 15.9.80)

XVI Festival do Folclore de OLÍMPIA – SP

Anualmente a cidade de Olímpia, do interior paulista, transforma-se no mês de agosto, na “Capital do Folclore”.

É uma promoção da Prefeitura Municipal e da Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo.

O programa é dos mais amplos, reunindo grupos folclóricos de várias regiões, numa das maiores festas folclóricas do Brasil.

Objetivos do Festival

Gerais: Comemorar o Mês do Folclore. Incentivar os grupos folclóricos. Difundir o Folclore a consciência e unidade nacional. Acolher como colaboradores pessoas interessadas no estudo do Folclore.

Culturais: Contribuir para o conhecimento das culturas do Brasil, com seus costumes, lendas, crenças, músicas, danças, folguedos, medicina caseira e teológica, brinquedos da lúdica infantil, cozinha regional, modismos lingüísticos, arte e artesanato.

Folclore e lendas do Brasil

A obra da escritora Duverlina dos Santos, *Folclore e Lendas do Brasil*, reúne vinte e sete das mais lindas lendas e histórias do nosso folclore, todas versificadas constituem verdadeiros hinos de amor e de uma sensibilidade envolvente que a todos encanta. É realmente uma obra, que pelo seu conteúdo cultural e didático, deve ser lida.

A autora é uma das mais renomadas escritoras do Brasil, com 26 obras publicadas. É membro das mais importantes Sociedades Culturais, Centros e Academias de Letras do Brasil e do Exterior.

Abertas as inscrições: Festival Arizona de Violeiros

Mafra – Mafra será uma das cinco cidades catarinenses que sediará o Festival Arizona de Violeiros 1980, uma promoção da Rádio Emissora São José, sob o patrocínio da Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio S.A. e coordenação nacional das Emissoras Scorpilus Ltda.

O festival será aberto para duplas, duos e trios que interpretem músicas sertanejas exclusivamente brasileiras e não sejam profissionais.

As inscrições já estão abertas na Rádio Emissora São José e poderão se inscrever duplas e trios de toda a Região do Planalto Norte Catarinense e Sul.

*A Telesc oferece brindes

De Doralécio Soares, membro da Comissão Catarinense de Folclore, recebemos o seguinte comunicado:

“A TELESC solicitou-me um resumido texto sobre o folguedo do “Boi-de-Mamão”, que irá acompanhar, em forma de brinde, um conjunto em cerâmica (do referido folguedo), em trabalho executado por um artesão ceramista da “Ponta de Baixo”, município de São José.

O brinde em referência será distribuído entre usuários, dentro e fora do Estado.

É um exemplo digno que deverá ser imitado por outras empresas, e vem ao encontro da advertência do seu artigo no jornal **O ESTADO**, “Da Lâmina de Barbear ao Sítio do Pica-Pau Amarelo”, que conclui: “Quando vamos dar valor ao feijão com arroz, ao tutu à mineira, ao “Boi-de-Mamão”, ao sítio do pica-pau amarelo?” Apresento-lhe meus parabéns pelo oportuno assunto focalizado”.

Muito obrigado por suas gentis palavras, Doralécio.

A propósito do artigo mencionado pelo folclorista Doralécio Soares, gostaria que fizessem uma correção: Leiam, “Exemplos, os tenho em casa: Avós e tios **maternos** vieram da Áustria, um país europeu de grande tradição cultural. (. . .)”

Valmir Gentil Aguiar
(do O Estado – Fpolis. – SC)

* O professor Valmir Gentil Aguiar, colaborador do Jornal O Estado, fez publicar no mesmo, o artigo “Da Lâmina de Barbear ao Sítio do Pica-Pau Amarelo”. Em razão do qual lhe cumprimentei, comunicando-lhe a iniciativa da TELESC.

Vitória de Santo Antão

Doralécio Soares

Como outras tantas cidades do Estado de Pernambuco e do nordeste, Vitória de Santo Antão, destaca-se pelo seu movimento cultural, cujo apoio é dado pela Secretaria de Educação e Cultura.

Destacam-se no município os órgãos culturais: "Cordel Clube Tabocas" Itapofur – Tabocas. – Museu Regional "Severina Conceição Costa". – Biblioteca "Hermenegildo do Amaral Costa", e a Casa da Cultura "Osman da Costa Lins".

Numa homenagem ao Dia da Pátria, foi promovido pela Secretaria de Educação e Cultura a "I Mostra de Literatura de Cordel", que reuniu os mais categorizados poetas repentistas de Cordel do nordeste, destacando-se os autores clássicos, como Leandro Gomes de Barros, Severino Milanez, João Martins Athaíde, José Bernardo da Silva e João José da Silva. A nova geração teve a representatividade de José Francisco Borges, Adélio Carvalho, José da Costa Leite, Francisco de Souza Campos, Guriatã do Norte, José Cavalcante Ferreira DILA, José Pacheco, e ainda João Vicente Emiliano, Manoel Germano Alves, José Francisco Souza, Raul Ferreira, Luiz Teixeira e outros.

Numa homenagem à Vitória de Santo Antão, destacamos da CANÇÃO DA CRIANÇA, do poeta José Francisco de Souza, os versos que retratam bem a alma poética do autor: "A criança é como a flor / Vermelhinha ou amarela / Com o gosto natural / Quanto mais simples mais bela / E quanto mais inocente / Mais a gente gosta dela". – "Criança fruto do amor / De gente que vive unida / As crianças são as flores / Da árvore da nossa vida / Sem vida não há criança / Sem criança a esperança / Do mundo estará perdida." CANÇÃO MINHA CIDADE: "Minha cidade no folclore / É muito linda / Na honra mais linda ainda / Sua história é muito bela / As suas ruas são / Compêndios de estórias / É bastante ser Vitória / Pra ninguém ganhar pra ela."

Do poeta Raul Ferreira, destacamos: "Oh minha terra formosa / de mil esperanças novas / Com a tradição tu provas / que foste vitoriosa / Vives hoje pressurosa / do perímetro à zona urbana / a cuja glória se irmana / minha participação / Vitória de Santo Antão / Rainha Pernambucana. – Terra linda hospitaleira / É digno teu espetáculo / basta seres sustentáculo / da Veneza Brasileira / A quem dás a macaxeira, a manga a jaca e a cana / o abacate e a banana / laranja-lima e limão / Vitória de Santo Antão / Rainha Pernambucana."

Dicionário Folclórico da Cachaça

O Escritor Mario Souto Maior, de Recife, lança a 2a. Edição do seu **Dicionário Folclórico da Cachaça**.

É uma obra que reúne os mais jocosos eufemismos atribuídos aos bebedores de cachaça por este Brasil a fora.

Diz o autor — “Mas não é de hoje que o consumo da cachaça está tão espalhado. No começo do século, na Paraíba, Rodrigues Carvalho recolheu estas décimas de autoria de um poeta desconhecido: / Bebe o Chefe de Polícia / Particular, escondido / Algum Padre, por sabido / Bebe oculto tal patrícia. / Também já tive notícia / Ou por outra, ouvi dizer / (Foi tanto que pude crer) / Um dito de certa gente / Que bebe algum presidente, / Não é defeito beber. / — No sítio bebe o Major / Bebe em casa o Coronel / O Sargento e o Furriel / Bebem no Estado Maior / Quem quiser beber melhor / Vá na venda e mande encher / Tome o que lhe parecer / Até matar o desejo / Segundo o gosto que vejo / Não é defeito beber. — Bebem os homens de estudos / Bebe o branco, o rico, o nobre / Bebe o negro, o cabra, o pobre / Bebe o cego, o mouco, o mudo / Os músicos bebem de tudo / Sem em si nada temer / De modo que pode haver / Alguém que não tenha falta; / Tudo sai nas rodas altas / Não é defeito Beber”

Santa Catarina entretanto, comparece no seu Dicionário com poucos eufemismos estes coletados por Silveira Junior, nos seus escritos.

São inúmeros os eufemismos publicados que são constantes também na região sul. Entretanto, procurando contribuir para o enriquecimento da 3a. edição da obra de Souto Maior, seguem alguns dos nossos registros: — “Me dá uma Três Lagoa”, conforme registro in **Dicionário Folclórico**, pág. 106, o eufemismo se origina da cidade ou localidade de fabricação da cachaça. — “Quentão de Pinga” — cachaça, canela em casca, gengibre, açúcar e fogo nela até ferver. Quanto mais quente, mais gostosa. O Quentão também é feito com vinho. — “Vira uma Macaca”. Estou com a “macaca”, ruim dentro da roupa. “Bebo pra esquentar no inverno e refrescar no verão” — “Bebe que só gambá” — “Bota um ferro aí pra esquentar”. — “Está no fogo”, bebeu demais. — Passou à “meia nau”, meio torto pela embriaguês. — “Vermuth Alemão”, cachaça com losna.

No Quartel

O Comandante de uma Cia. Militar reuniu seus soldados, e fez uma preleção contra os que se davam ao costume de tomar cachaça. Dizia. . . em vez de tomar cachaça, que tanto mal faz à saúde e degrada o homem,

vocês devem substituí-la por outra coisa. O “tomate” por exemplo, é saudável, contém vitaminas, e faz bem à saúde. Comam tomates, no lugar da cachaça. Dispensados todos, os habitués da vendola para lá se dirigiram, e foram logo gritando. “Vira aí seu Quidoca, um “tomatezinho amarelo”. Pra mim, um “tomate do branco”. Capricha um “tomate” dos grandes, pois o comandante recomendou. É bom prá saúde.” E a cachaça virou tomate por muito tempo.

CURIOSIDADES ILHOAS SOBRE A CACHAÇA

O professor A. Seixas Netto, da Comissão Catarinense de Folclore, em suas crônicas, refere-se a muitas histórias e designativos da Cachaça na Ilha de Santa Catarina, donde extraímos algumas referências:

CACHACEIRO: Em Florianópolis, freqüentavam o Café Buby, na esquina da Praça 15 de Novembro com Felipe Schmidt, o então interventor Nereu Ramos e membros de seu Gabinete, políticos, intelectuais, e, também, como não poderia deixar de ser, alguns eminentes “paus d’água” que fizeram, à época, o folclore e o anedotário ilhéu. Assim, certa tarde, achega-se à roda de políticos um cidadão apelidado Bigmam, bebedor 24 horas por dia, e, dirigindo-se ao Interventor, pede:

– Dotô Nereu, tem um dinheiro aí?

E o Interventor replica:

– Não dou dinheiro pra cachaceiro.

E o Bigmam responde-lhe em cima e pronto:

Arto lá, dotô. Cachaceiro é quem fabrica cachaça, eu sô é memo um reles consumidor.

E designativos populares ilhéus da Cachaça, recolhidos pelo mesmo autor:

ÁGUA BENTA, ÁGUA DE LITRO, GINGIBIRRA, PEGA-GUARÁ (e GUARÁ = Bêbado contumaz), VENENO, ESPANTA-CALOR, MATA FRIO, REFRESCO DE POBRE, GOTA DE ENGENHO, LEITE DE VALENTE, DONA CORAGEM, ARREBENTA-PEITO, PUA, MATA-FOME, VITAMINA DE POBRE, ELIXIR DE CAIANA, LISA, CHORO DE ENGENHO, PINGA-FOGO, BRASA, AI MO DEUS, BRABA, TIMBUCA, FOGO DE COPO, DOIS DEDOS DE PROSA, BAGA.

Com relação ao bebedor da Cachaça, há na Ilha, corriqueiramente, os designativos:

GUARÁ, CACHORRO DO LOQUINHA, DANÇARINO, CERCA-PINTO, GOELA QUENTE, PAU D’ÁGUA, PÉ DE CANA, PORRUDO, PORRENTO, CHUPADOR, CHUPA-COPO, CHUPETA, MAMADOR, BEIJACOPO, PEGA-PEGA, MOSQUITO DE BAR, MOSCA TONTA, PÉ DE VALSA, FRANGUEIRO, MUTUCA DO BREJO, PROVETA DE ALAMBIQUE, CHUPA-BAGAÇO, BAIXA-LITRO, ENXUGA-COPO.

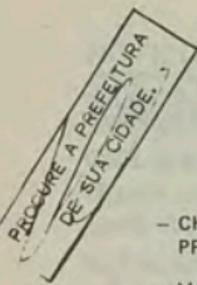
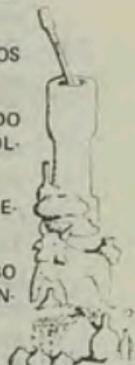
Registramos e agradecemos os Livros e Periódicos recebidos

Do Instituto Nacional do Livro:

- 1 – *Folclore Brasileiro* – “São Paulo” por Hélio Damante
- 2 – *Trovas e Cantares Capixaba* de Afonso Claudios
- 3 – *Bandas de Congos* – “Caderno de Folclore No. 30” de Guilherme Santos Neves
- 4 – *Carrancas de São Francisco* – 1979 de Paulo Pardal
- 5 – *Arte Popular Figurativa* – 1977 de Saul Martins
- 6 – *Folclore Capixaba* – “Mostra do Museu Edison Carneiro” Rio de Janeiro
- 7 – *Bibliografia Folclórica* – 1980/5 de Bráulio do Nascimento – Rio de Janeiro
- 8 – *Dicionário Folclórico da Cachaça* de Mário Souto Maior (oferta do autor)
- 9 – *Boletim da Comissão Paranaense de Folclore* – Ano 4, No. 4
- 10 – *Brasil Poético* “periódico” do Diretor Rodolfo Coelho Cavalcante
- 11 – *Jogos-Brinquedos e Outras Diversões Populares de Macau* da Profa. Ana Maria Amaro
- 12 – *Agreste* – Publicação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru – PE
- 13 – *Louro de São José* – “O Rei do Trocadilho” de Aleixo Leite Filho – Caruaru – PE
- 14 – *Processos do Desempenho Lingüístico em Um Quadro Sócio-Cultural* de Florival Serraine
- 15 – *Artesanato da Renda no Brasil* da Professora Isa Maia – João Pessoa – PB
- 16 – *Contos e Novelas* – Revista Catarinense de Ficção No. 4
- 17 – *Cosmovisão* – Nos. 1 – 2 – Revista do Instituto de Cultura Brasil Centro Oeste – ICBRACO – Uberaba – MG
- 18 – “Literatura de Cordel” – de Antônio Silvino a *Lampião – Lampião e Quelé – Senhor Ferreira e o Negro Furacão – O Poder de São Bartolomeu – Nem Tudo Foi Lampião – Lampião e Volta Seca* – oferta do autor, José Cavalcante Ferreira – DILA – Caruaru – PE
- 19 – *O Folclore na vivência atual de açu, marreca e quixaba* de Maria Rita da Silva Lubatti – Campos – RJ
- 20 – *Revista Goiana de Artes* do Instituto de Artes da UFG

- 21 – *Antonio Dó* de Saul Martins – MG
- 22 – Da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de “Vitória de Santo Antão do poeta Raul Ferreira: *Homenagem a Minha Terra; 12 Meses de Governo* do Dr. Ivo Queiroz; *Homenagens a Artistas Vitorrienses* do poeta José Francisco de Souza; *Canção da Criança; Canção Minha Cidade; Mensagem a Santo Antão e sua Igreja; Hino de Santo Ivo; O que o Papa falou para o Brasil.*
- 23 – Catálogo da FUNARTE – Apresentação, Roberto D. M. Parreiras. Sumário: Artes Plásticas – Folclore – Música Popular e Erudita – Teatro
- 24 – Do Instituto Nacional do Livro – *O Fabuloso e Harmonioso Píxingui-nha* de Edegar de Alencar; *Arte, Ciência e Trópico* de Gilberto Freire; *Canto em SI* de Reinoldo Valinho Alvarenga; *Bibliografia Filosófica Brasileira* de Antonio Pain; *Casa Grande e Senzala e Obra Didática?* de Gilberto Freire; *Arte Brasileira* (Abril/MEC); *Dicionário do Folclore Brasileiro* de Luís da Câmara Cascudo; *Folclore Goiano* de José A. Teixeira; *Matéria de Música* de Eurico Nogueira Franco; *Utopia e Realidade – Brasil no Começo do Século XX* de Teresinha Aparecida Alfio-ren Lino; *Nosso Brasil* do Ministério Extraordinário p/Assuntos de Comunicação Social e Assessoria de Relações Públicas da Presidência da República; *Dicionário Brasileiro de Artes Plásticas* do Instituto Nacional do Livro; *Mapa Cultural I – II*, MEC–MOBRAL CECUT
- 25 – *Folclore e Lendas do Brasil* de Duverlina do Santos – Rio de Janeiro
- 26 – Do Instituto de Pesquisas Sociais, da Fundação Joaquim Nabuco. Centro de Estudos Folclóricos. *Legendas de Táxis* de Maria Ester Pimentel Matos; *Ajudar a Morrer* de Orlando Parahym; *A Trova da Batatinha* de Eno Teodoro Wanke.

O PODER DAS MÃOS

- 
- CHEGOU A VEZ DE VOCÊ MELHORAR A SUA VIDA COM SUAS PRÓPRIAS MÃOS.
 - VAMOS COLOCAR NO MERCADO AS SUAS MELHORES HABILIDADES PESSOAIS.
 - ENTREGUE PARA O AGENTE COLETOR CREDENCIADO OS PRODUTOS ARTESANAIS QUE VOCÊ SABE FAZER.
 - NÓS AJUDAREMOS A VOCÊ CONTINUAR PRODUZINDO E VENDENDO CADA VEZ MAIS E MELHOR, ATRAVÉS DO PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DO ARTESANATO CATARINENSE.
 - A FECART/80 É A FEIRA CATARINENSE DE ARTESANATO E ESTÁ RECOLHENDO A PRODUÇÃO ARTESANAL EM TODO O ESTADO.
 - ENTREGUE SUA PRODUÇÃO SOMENTE COM GARANTIA E RECIBO FORNECIDO PELOS AGENTES COM OS DOCUMENTOS E A RECOMENDAÇÃO DAS AUTORIDADES LOCAIS.
- 
- 

- ARTESANATO CASEIRO
- ARTESANATO ARTÍSTICO
- ARTESANATO UTILITÁRIO
- ARTESANATO DE CONSUMO
- ARTESANATO DO DIA-A-DIA

CESTARIA, TRANÇADOS, BORDADOS, RENDAS, CERÂMICAS, PINTURAS, GAMELAS, GRAVADOS E GRAVURAS, COSTURAS, COMIDA TÍPICA, DOCES, BISCOITOS, DECORAÇÕES, ENFEITES, MADEIRAS TRABALHADAS, MÓVEIS, LICORES, CONSERVAS, CHAPÉUS, SAPATOS, CADEIRAS, QUEIJOS, BALAS, COLAGENS, CANOAS, BRINQUEDOS, BONECOS DE PANO, BONECOS DE BARRO, BONECOS DE MADEIRA, GAIOLAS, ARMADILHAS, PAPÉIS RECORTADOS, PAO-POR-DEUS, FERRAMENTAS, LAÇOS, ARREIOS, SELAS, CORDAS, CUIAS TRABALHADAS, ARMAÇÕES DE ARAME, VASOS, FLORES ARTIFICIAIS, ARRANJOS FLORAIS, SANTO, ETC, ETC, ETC.

DEFINIÇÃO DE ARTESANATO CONFORME PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ARTESANAL - PNDA.

ARTESANATO É:

- A ATIVIDADE PREDOMINANTEMENTE MANUAL DE PRODUÇÃO DE UM BEM QUE REQUEIRA CRIATIVIDADE, E/OU HABILIDADE MANUAL, PODENDO SER UTILIZADAS FERRAMENTAS E MÁQUINAS.
- O PRODUTO OU BEM RESULTADO DA ATIVIDADE ACIMA REFERIDA.
- O RESULTADO DA MONTAGEM INDIVIDUAL E COMPONENTES, MESMO ANTERIORMENTE TRABALHADOS E QUE RESULTE UM NOVO PRODUTO.

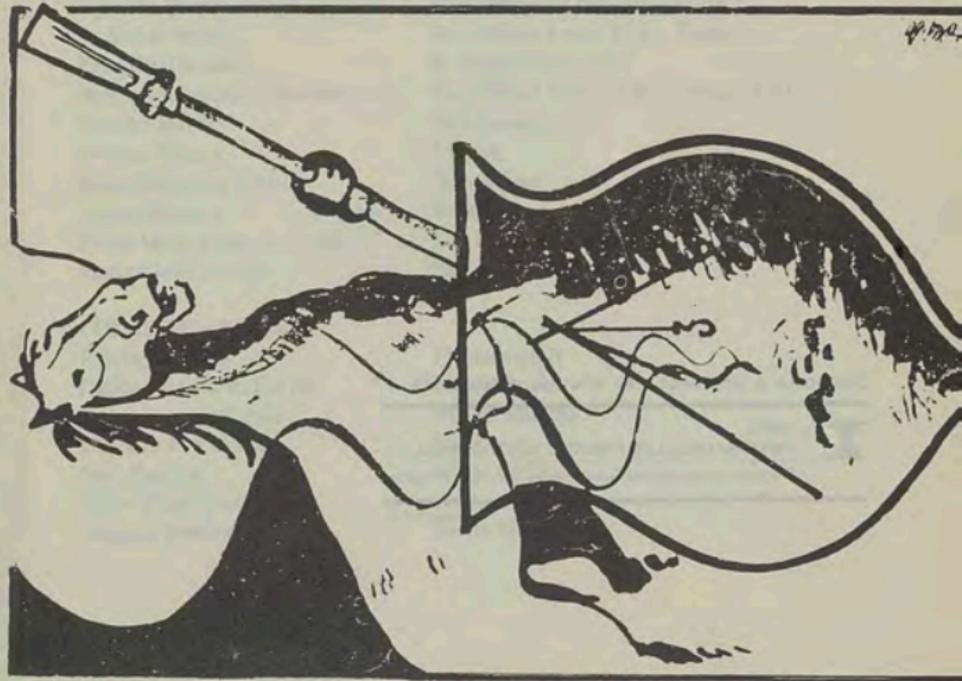


SECR. DE CULTURA, ESPORTE E TURISMO
SECR. DO TRABALHO E INTEGRAÇÃO POLÍTICA

FECART - 80

II FEIRA CATARINENSE DE ARTESANATO
DE 4 DE JANEIRO A 29 DE FEVEREIRO
CITUR - FCC - FUCAT

Centro de Promoções da CITUR
Balneário Camboriú



Numa época em que se fala tanto em "discotecas" e outros "sons", é bom lembrar (valorizar) também as músicas e os costumes do passado: "Uma cula, uma bomba, erva-mate e água quente".

Quem diria ser possível fazer as gerações novas beberem e se embeberem do passado? Pois é!..

Baseados nesta convicção, criamos nossa entidade para cultivar as tradições dos nossos antepassados.

Confessamos que não nos foi fácil. Mas tudo temos feito para bem representar a cultura na nossa terra.

Tivemos o imenso prazer em tê-los como amigos e colaboradores durante esses doze meses de 1.979. E, para fortalecer os laços de nossa amizade, queremos, nesta Data, expressar todo o nosso carinho, desejando-lhes um FELIZ NATAL, e pedir ao Patrão Celestial que ilumine a sua caminhada no ANO NOVO que se aproxima.

SÃO OS VOTOS DO

GRUPO FOLCLÓRICO "ESTAMPA GAÚCHA"

Concórdia, dezembro de 1.979

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Nomes	Endereços – Florianópolis, SC
Doralécio Soares (Presidente)	Rua Julio Moura, 28, 1o. andar
Jaldyr Faustino da Silva	Av. Trompowsky, 5
Theobaldo Costa Jamunda	Rua Bocaiúva, 208
Walter Fernando Piazza	Frei Êvaristo, 52
José Borges Cordeiro	Rua Felipe Schmidt, 85, apart. 1105
Nereu Corrêa	Av. Othon Gama D'Eça, 127
Oswaldo Ferreira de Melo (filho)	R. Joaquim Costa, 11
Vitor Antonio Peluso Júnior	R. Melo Alvim, 10
Maria do Carmo Pinto	Faculdade de Educação – UDESC
Carlos Alberto Angioletti Vieira	R. Professora Otilia Cruz, 365, Estreito
Nanci Terezinha S. Barreto	R. Tavares Sobrinho, 34
Cléa Mendes Brito	R. Melo Alvim, 9
Nanci Terezinha Batistoti	R. José do Vale Pereira, 40 – Coqueiros
Nereu do Vale Pereira	Jardim Olavo Amorim, 24
Roberto Kel	R. Cruz e Sousa, 48
Silvio Coelho dos Santos	R. Idalina P. dos Santos, 9
Iaponan Soares Araujo	Rua Osvaldo Cruz, 40 – Estreito
A. Seixas Netto	Rua Matos Areia, 385 – Estreito
Franklin Cascaes	R. Julio Moura, 31
Myriam Conceição Dias Beltrão	Rua Othon D'eça, 140 – Apart. 1202
Teófilo Matos	São Joaquim
Rubem Ulisséa	Laguna
Maria Juscelina Couto	Navegantes
Ayres Gevaerd	Brusque
Sonia Maria Copp da Costa	São Francisco do Sul
Marcos Malewschik	São Bento do Sul

COLABORADORES

Flávio Cardozo	Florianópolis
Carlos Humberto Corrêa	Florianópolis
Dulce Martins Lamas	Rio de Janeiro
Laura Dela Monica	São Paulo
Saul Martins	Minas Gerais
Atico Vilas Boas	Goias
Glaucus Saraiva	Porto Alegre

UMA NOVA GERAÇÃO DE FOLCLORISTAS AINDA AGORA SE PRECISA COMO ANTES

Do folclorista Oswaldo R. Cabral foi uma idéia e continua. E você, Doralécio, sabe disso, exatamente, por que já formou opinião consolidada em mais de três dezenas de anos. É uma vida de convivência e a convivência de uma vida inteira, tendo o Folclore Catarinense como assunto importante. Você alcança, por inteiro, toda comentação desenvolvida. E sei mais que você tem bofes para ouvir crítica acidulada e para saber, também, que pode usar a carapuça oferecida quem nada fez, cobra ter feito e nada faz além de soletrar o vocábulo: folclore. Você entende nas linhas e entrelinhas para quem são os pontos nos is.

Avivo aqui, Doralécio, que a idéia norteadora do meu comportamento com referência ao Folclore Catarinense, neste momento, é de modo cru ser um decepcionado. A utilização mais comercial que cultural dos aspectos folclóricos estarrece, insulta, entristece. Fico na decepção, porém, no protesto. Não sou um doente de TURISTICOFOBIA. Apenas, não aceito as invencionices intituladas de MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS. Na verdade, é o atendimento ao moderninho fantasioso, atado ao interesse de rentabilidade, porém muito divulgado por meios e meios; programas e programações; festas e festivais; falações e falatórios; entrevistinhas e entrevistonas.

Enquanto o "Demo esfrega o olho", os profissionais que falam ou escrevem para ganhar a subsistência repetem, maquinalmente, é preciso defender o folclore. Defender o folclore. Denfender o folclore. Seja inesgotável a cornucópia dos perdões para eles. Afinal, em nível nacional, existiu no ontem de outro dia entidade assuminte da defesa do folclore.

E então DEFENDER já significava nos dicionários do vernáculo: prestar socorro ou auxílio a; vedar, proibir, tolher; falar a favor de; resguardar, abrigar, preservar; rebater uma acusação. Dar auxílio a. Patrocinar ou advogar a causa de. Amparar. Opor a força, oferecer resistência, a um ataque ou agressão feita a. Interditar. Falar em abono de; pleitear em favor de; interceder por. Sustentar com razão ou argumentos. Executar ou desempenhar em competição. Oferecer resistência. Sustentar com argumento.

E a enumeração sobre DEFENDER poderia ser mais longa. Contudo, não foi por significar, assim ou assado, várias maneiras de fazer defesa do folclore, que essa defesa não foi acionada de modo ideal.

Exatamente, a verificação (POUCOS SABEM FAZÊ-LA) indica que, caindo no domínio de um interesse para ser tomado como atração rentável, sem ter as origens conhecidas, lá no arquipélago cultural, o arquipélago dito catarinense, foi sendo tirado de lá, vestido de invencionices coloridas ao gosto de cada um, para composições improvisadas. Comumente, aparece confor-

me o gosto artístico do programador. Assim, como todo programador é autoritário, o FOLCLORE CATARINENSE aparece como ele quer e não BEM CULTURAL REPRESENTATIVO. Como todo autoritário é ignorante, sei, muito bem, que tem perdão de origem bíblica, exatamente, por não saber o que faz.

A verdade é que a esta altura do tempo ainda não está, suficientemente, situado na UNIDADE POLIVALENTE DO FOLCLORE BRASILEIRO. E se sabe que não foi feito o mapeamento do FOLCLORE CATARINENSE. Que é falado, é. Que é anunciado, é. Que é programado, é. Quanto ao ser realizado, isso é outra anúncio, que será anunciada quando chegar a hora do anúncio.

Hoje, já é oficial o vário e o múltiplo na IDENTIDADE CATARINENSE. Até o vocábulo CATARINENSISMO, que não é antigo no uso popular como abrangência de tudo que é enraizadamente catarinense, já deixou de ser, exclusivamente, acadêmico. Este vocábulo saiu dali depois do meu livro CATARINENSISMOS, 1974, Udesc-Edeme, Florianópolis, veiculá-lo, argumentadamente. Entretanto, antes já era fácil dizer: É PRECISO DEFENDER O FOLCLORE. Hoje continua sendo. E há 30 anos você sabe e ouve que É PRECISO DEFENDER O FOLCLORE. E em todo esse tempo passado quem foi que disse que não é?

Florianópolis, SC, setembro de 1981

Theobaldo Costa Jamundá



THE POLICE DEPARTMENT OF THE CITY OF NEW YORK
OFFICE OF THE CHIEF OF POLICE
NEW YORK, N. Y.

REPORT OF THE CHIEF OF POLICE
FOR THE YEAR 1911

THE POLICE DEPARTMENT OF THE CITY OF NEW YORK
OFFICE OF THE CHIEF OF POLICE
NEW YORK, N. Y.

THE POLICE DEPARTMENT OF THE CITY OF NEW YORK
OFFICE OF THE CHIEF OF POLICE
NEW YORK, N. Y.

Composto e impresso nas oficinas gráficas da



IOESC
IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA S. A.
Empresa vinculada ao Gabinete do Vice-Governador
